



Na Fluidez da Errância, uma Poética da Narrativa

Tininha Calazans

Trabalho final para o curso de pós – graduação
Narração Artística: caminhos para contar histórias em contexto urbano

Inverno de 2022

*A Lua e o Sol são eternos viajantes. Até os anos viajam. Quer uma vida inteira à deriva em um barco, quer conduzindo um cavalo pelo passar dos anos até à velhice, todos os dias são uma jornada e a jornada em si é a casa. Desde os tempos mais remotos sempre houve aqueles que pereceram ao longo da estrada. Mesmo assim, acabava sempre atraído pelo vento que sopra as nuvens, até aos sonhos de uma vida inteira a vaguear.**

*BASHÔ, Matsuo. *Narrow Road to The Interior and Other Writings*. Shambala Publications. p. 25. (Tradução para português de REIS, Lauro na tese *À sombra da bananeira: uma abordagem à obra de Matsuo Bashô*)

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	05
PREÂMBULO - CONFIDÊNCIAS A QUEM ME LÊ. <i>ao modo de uma cartografia para a leitura</i>	08
PRÓLOGO: VEREDAS DE UMA ESCRITA..... <i>tornar linguagem aquilo que pressinto me habitar</i>	21
PRIMEIRO MOVIMENTO – NARRAR..... <i>na casa edifício, casa CorpoSer, a narradora-errante submerge e emerge.</i>	36
REDEMOINHOS E REVOLUÇÕES	98
<i>Num turbilhão, vento-me</i>	
NA ERRÂNCIA, MEUS MOVIMENTOS SE FAZEM	111
<i>Erramos em sintonia fina com as substâncias interna e externas, o eu/si e o ambiente.</i>	
INTERLÚDIO.....	163
<i>lembranças brotam, histórias nascem</i>	
SEGUNDO MOVIMENTO - ESCREVER.....	178
<i>nas tramas de minha escrita, erro no tecido de mim, me escrevo e inscrevo</i>	
TERCEIRO MOVIMENTO - DO ENTRELAÇAMENTO DOS MOVIMENTOS, O CONTO E SEU CONTAR.....	246
<i>ao me escrever, me reescrevo? ao me contar, me reconto? ao criar, me recrio?</i>	
EM BUSCA DE UM EPÍLOGO	285
<i>as cortinas se descerram, o caminho convida a novos passos</i>	
BIBLIOGRAFIA.....	294
ÍNDICE DE IMAGENS (de Tininha Calazas).....	294
ÍNDICE DE IMAGENS (de autoria diversa0	297

*Viajamos ao longo dos dias como as ondas passam sobre as pedras **

Agradeço,

Ao caminho e aos encontros.

Às histórias e à longa linhagem de narradores/oras que semeiam encantos em mim e no mundo.

À quem abriu as portas para os contos e à narradora nesta sua errância.

À mãe que semeou a palavra maravilhamento no coração da menina.

Às irmãs, irmãos, cunhados e cunhadas, por seu carinho e apoio.

À filha querida, Morena Calazans Vieira, ao genro, à neta e netos amados, histórias mais belas que a vida me deu.

Aos mestres e mestras que semearam o campo e regaram as sementes. Às alunas e alunos que tantas experiências e aprendizado me trazem.

À Virgínia Costabile e Luzia Carion, por acreditarem e apoiarem quando o primeiro repertório de contos nasceu, nos idos de 1993. À Ivaldo de Melo, por acreditar e por sua parceria em trabalhos de narração. À Maria Lúcia BrancoTomé pela amizade, apoio e escutas delicadas do texto. À Renata Kolisch, por tantos anos de conversas, experimentações, trocas, ajudando a encontrar luzes e e recolher as pedras.

À Maria Regina Zamith Calazans pelo apoio e incentivo, pela leitura carinhosa, atenta, sutil, delicada e profundas reflexões, inspirações e sugestões para a composição da monografia, seguindo ao lado nesta travessia que marca um etapa fundamental.

À Giuliano Tierno e Letícia Liensenfeld pelas aulas, pela delicadeza e profundidade na leitura desta errância, pela postura, cuidado, abertura, carinhos, atenção e ética na condução da Pós – Graduação “Narração Artísticas: caminhos para contar histórias em contexto urbano”. Aos professores, professoras e equipe do curso na Casa Tombada. À todos participantes desta turma 15, tão especial. À Simone Grande, Luciene Souza e Carminda Mendes, por sua escuta aberta e receptiva na leitura da monografia.

À Renata Gelamo e Graça Veloso, por sua participação amorosa no rito de passagem e por sua leitura tão sensível, cuidadosa e imersiva, trazendo apontamentos preciosos ao trabalho.



*É glorioso quando chega o tempo de perambular **

* Canção Esquimó, em *A Arte da Peregrinação*, de COUSINEAU, Phil. Ágora.

PREÂMBULO: CONFIDÊNCIAS A QUEM ME LÊ
ao modo de uma cartografia para a leitura

No embate de encontrar o tema, o rumo, a linguagem, a forma de uma escrita sobre minhas travessias pelas veredas da arte da narrativa e de mim, de me reconhecer e à minha trajetória, de encontrar caminhos para seguir adiante, eis que me vi imersa na errância.

Em verdade, a palavra há muito já me convocava a seus meandros.

Errância...Errância...

Ao dizê-la, algo pulsa. O peito vibra. Errâncias.

Percebendo que em meu ser e minha vida errar é fato e realidade, é anseio e guia, dei a mão à criatura vagante que se esconde e se revela em mim, dizendo-lhe:

- Flui. Voa. Leva-me.

Uma brisa nos envolveu trazendo frescor e um sopro nos lançou na estrada.

Enlaçadas – eu e esta que erra em mim – partimos, abertas aos encontros do caminho que se engendra no próprio caminhar. Entregues aos fluxos, a errar.

Dando-me conta que meu processo criativo e meu ser se constituem como errantes, assumi uma **escrita-vento**.

É o Ser invisível e mutante quem me guia, move, arrasta. Com ele, converso e ao sabor de seus humores a criação brota e se conforma:

O texto é feito em muitas camadas.

Os fios se enredam,

os tempos se cruzam,

os temas se entrecruzam.

Os gêneros se entrelaçam e convivem.

Os tons se alternam e se trançam.

A palavra – transitando pela poesia, narração e discurso – luta por desvelar e trazer à tona questões que me movem e comovem.

E as imagens fluem com o verbo.

Criado e composto ao modo de uma colagem e bricolagem, o “*textoimagem*” me conta da **rapsoda***, aquela (ou esta?) que costura, alinhava, emenda, remenda, sutura...e comenta.

Se por sua “*linhapalavra*” o rapsodo tradicional costura contos e cantos, na tecitura de minha rapsódia** costuro meus fragmentos que se revelam em relatos, imaginações, poemas, pensamentos, recontos inspirados em narrativas das tradições e textos de escritores/as contemporâneos/as.

Esta escolha por uma escrita em retalhos em que eles se entrelaçam numa narrativa não linear; que se colore de tons mais poéticos e mais discursivos, e os entremeia; que abarca e abraça distintos gêneros literários - não foi e não é aleatória. É um partido, um desígnio, um campo de pesquisa e investigação.

Por ela e com ela busco assumir meus processos criativos; meus modos de ser, pensar e criar; investigar as possibilidades da poética e da arte como campo de saber e transcender; pesquisar outras formas de enveredar pela narratividade; me colocar num lugar “entre” o eu e o tu, o eu e o conto.

Rapsódia: Conceito criado e desenvolvido por Jean-Pierre Sarrazac em “O futuro do Drama”, no início dos anos 1980, a rapsódia corresponde ao gesto do rapsodo, do “autor-rapsodo”, que, no sentido etimológico literal – *rhaptein* significa “costurar” –, “costura ou ajusta cânticos”. Através da figura emblemática do rapsodo, que se assemelha igualmente à do “costurador de laís” medieval – reunindo o que previamente rasgou e despedaçando imediatamente o que acaba de juntar –, a noção de rapsódia aparece, portanto, ligada de saída ao domínio épico*: o dos cantos e da narração homéricos, ao mesmo tempo que a procedimentos de escrita tais como a montagem*, a hibridização, a colagem, a coralidade*. (HERSANT Céline e NAUGRETTEE Catherine em “**Léxico do Drama Moderno e Contemporâneo**”, organização de Jean Pierre Sarrazac - Editora COSACNAIF).

Mas, ela não era o projeto inicialmente acalentado.

Em verdade surgiu - ou se intrometeu - em meio à outra proposta de escrita, já revelando à que vem a errância.

O primeiro desejo - ou o que eu pensava ser o primeiro - era a antiga proposta de adentrar as camadas de sentido de algumas histórias.

Me entremeando à trama narrativa seguia a procura dos segredos, mistérios e encantos dos contos, de quem conta e do ato de contar. Com *Sherazade*, *Mãe dos Contos*, *O Aprendiz de Mãe Águia*, mitos de *Deusas Criadoras* e outras narrativas tradicionais mergulhei em gesto e estado de busca.

Pelo texto eu caminhava, ele caminhava em mim. Errávamos, entre jorro e trava, clareza e escuridão. À trama das histórias costurava reflexões ao modo de um ensaio poético-narrativo. Eu sabia que o percurso era vasto, mas que precisava adentrá-lo para fazer uma colheita das questões que me atravessaram e atravessam ao longo destes trinta anos dedicados à arte de contar e ouvir histórias.

Aos fragmentos textuais costurei fragmentos de antigas imagens criadas em anos passados, numa recolha de mim, de meus voos expressivos pelos caminhos do viver.

As ilustrações nasceram da imersão em contos que narrei.

As colagens e instalações foram exercícios desenvolvidos em casa ou em oficinas de teatro.

As fotografias contam de meus olhares para a vida a errar pelos caminhos.

Ao revisitar estas materialidades guardadas nos fundos esquecidos das gavetas confirmei que a **errância, a errante e o errar** já vinham conversando comigo há muito tempo.

O exercício de costurar texto e imagem com os recursos do PowerPoint me ajudaram a dar forma à esta composição fragmentária que se conta por muitas camadas. No gesto de grafar o “campo-terra-suporte” da tela - em exercício composicional - forma e conteúdo se imbricaram revelando-me o que me atravessava.

Se ao preparar uma história para contar penso em como se dará o ato, pensar a cena leitora me ajudou a articular a escrita.

E assim nasceu esta primeira composição de uma errância que se deseja e sonha livro.

Ao mesmo tempo fazia o “**diário do caminho**” desde a busca para circunscrever o recorte/foco temático até os embates da escritura.

Nele me perguntava:

O que deseja brotar?

Para onde, por onde, como, a procura de que sigo em errância?

Que leito é este por onde corre o rio de meu texto?

O que lhe dá margem e contorno?

A que vem o Vento?

Por que ele surgiu e se coloca cada vez mais presente como meu guia nesta imersão pelo narrar, escrevinhar e criar?

Ao longo do processo, o gesto de me indagar e escrever sobre o processo virou o projeto e a conversa com os contos ficou para um segundo momento, já apontando para a composição de uma trilogia.

Neste “**Diário do caminho, ao sabor dos ventos**”, erro:

por mim
minha vida
meus passos como narradora
pela arte narrativa
pelo errar e suas conversas com o narrar e o criar
pelas fricções de mergulhar na composição desta tecitura
pelos e desafios de se fazer linguagem.

Em desejo de compreender e articular a mandala de questões que me perpassam, impulsionam e direcionam como narradora e pessoa, busco:

habitar as histórias que vem me inspirando e nutrindo
as histórias de minha história
meus passos errantes pelas trilhas do viver e do narrar
as tensões e dilemas que me atravessam
os sentidos da errância e do errar
as relações entre errar e narrar, errar e criar, escrita e errância.

O **chão** onde me ancore e afundo minhas raízes para tecer este “textoimagem” é, sobretudo, o chão experiencial.

É no gesto criador e relacional de criar os espetáculos de narração, de conceber os cursos e ministrá-los, de também atuar nos campos das artes da cena, do corpo e literatura há cerca de quarenta anos que encontro referências e nutrição para os pensamentos, sentimentos e criações aqui compartilhadas e tensionadas.

A escolha de trazer o campo ou dimensão da **experiência** - uma das principais fontes desta tecitura - não é casual. Ao contrário, é uma atitude consciente que se articula com minhas posturas como narradora e artista - educadora, com os rumos de meus modos de *fazersentirpensar*.

Minha trajetória é basicamente centrada na dimensão experiencial e compreendo a arte da narrativa estreitamente vinculada a este “saberfazer” que se constrói na e pela relação, sendo afetada e atravessada pelos encontros do caminho.

Como narradora percebo que a dimensão da experiência se faz presente na trama das histórias e no modo como as personagens se relacionam com a vida; no gesto de preparar um conto adentrando suas camadas de sentido; no ato de contar e no modo como as narrativas foram criadas, guardadas e transmitidas.

Contos, mitos e lendas da tradição dos povos assim como textos em poesia e prosa de escritores/as contemporâneos/as são outras referências fundamentais para a construção deste trabalho e de meu trabalho em geral. Com isto pratico e defendo que a expressão estética também pode se constituir como inspiração e referência para o exercício do pensamento. Entre os escritores, o que se fez mais presente se entremeando a toda esta composição, é Eduardo Galeano. Também soam no texto as palavras de Saramago, Fernando Pessoa, Mario Quintana, Bashô, entre outros,.

Alguns teóricos trazem aportes significativos para esta composição, ora de modo mais explícito, ora mais implícito. Joseph Campbell, Stanley Keleman, Daniel Mundurukú, Phil Cousineau surgem em citações. Walter Benjamin, Jorge Larrosa, Gaston Bachelard e outros mais estão presentes através das leituras que venho fazendo ao longo de minhas travessias pelo viver. Suas vozes reverberam em mim e na escrita.

No processo de escritura venho descobrindo que a errância, o errar e o erro vem sendo discutido em muitos campos e por várias pessoas. Mas o aprofundamento neste material que começa a chegar em minhas mãos não cabe nesta primeira viagem onde, em estado perceptivo, me movo em busca da errância que erra em mim. Sinto que toquei na ponta de um iceberg e que tenho à minha frente um campo de pesquisa a percorrer e descobrir.

Espero que por dentro desta tecitura em rodeios, volteios, nós, emaranhados que se buscam árvores, haja um rio navegável.



*Errante, girando em círculos,
Fita que tudo envolve,
Guardião do Éter e da Terra.**



PRÓLOGO: VEREDAS DE UMA ESCRITA
tornar linguagem aquilo que pressinto me habitar

Há tanto a compreender.

São tantos os mistérios que se guardam por debaixo dos véus.

Tento erguê-los.

Eles resistem.

Insisto.

Persigo...

Não, não é assim que acontece.

A imagem não é esta.

Com este eu voluntarioso não chego a lugar algum,
não alcanço os segredos.

ou como se diz em terras do Marrocos: *a história no meu coração**.

Só quando me deixo levar e arrastar de olhos vendados

é que sinto as aragens na pele e entranhas,

é que os véus se dissipam fazendo-me pressentir os mistérios.

*"Os berberes acreditam que, quando uma pessoa nasce ela vem ao mundo com uma história dentro de si, trancada no seu coração. As histórias cuidam das pessoas, protegem-nas". O Dr Mahdi baixou o capuz do seu jeleba até o pescoço e provou o café. " A tarefa delas é procurar a própria história", continuou, " procurá-la em tudo o que fazem"... (trecho do livro "**Nas Noites Árabes – uma caravana de histórias**", escrito por Tahir Shah. Rio de Janeiro. Roca nova editora, 2009.*

Envolta na névoa,
farejo.
Não há certezas.
Existem indícios, rastros
e segredos
desejosos e desejanter.

O que me chama?
Me convoca?
Pelo que meu ser anseia?

Há um rio subterrâneo correndo por dentro de mim.

No ato de escrita (e do entoar) sou levada a ele
No ato de escrita (e do entoar) ele vem a mim.

Em suas águas lodosas se escondem mensagens.

A escrita (em letra e voz) me navega
A navegar me escrevo
e inscrevo
em voz e letra.

Sobre o que falo?
Ouso dizer que sei e não sei.

Há algo que se sabe nas funduras de mim,
algo que ora deseja aflorar à superfície, ora esconder-se.

Quando vou pescá-la, escapole feito piaba.
Outras horas se deixa tocar e acarinhar.

Parece que este algo que se sabe em mim
- este algo que pressinto -
gosta de brincar de pique-pega, de esconde-esconde.

Há horas que este algo subterrâneo gosta de jorrar em cascata-cachoeira.
Às vezes até mesmo se faz inundação arrastando-me na profusão de suas águas.

Elas me envolvem, nelas me envolvo.

Mesmo no turbilhão há horas em que vislumbro as margens que dão contorno ao rio de minha escrita, meu rio.
Há horas em que sinto o leito por onde ela corre, por onde eu corro.
Há horas em que toco as pedras e plantas que surgem no caminho – meu caminho – trazendo fricção e convidando a permeabilidades e resistências.
Há horas em que enxergo os horizontes desta tecitura que em mim se obra.

Horizontes muitas vezes turvados por neblinas.





É no próprio gestar (e parir?) que os temas brotam da névoa.

Ora surgem límpidos, ora turvos.

Não é algo que pense, mas que se pensa em mim à medida que me entrego ao gesto criativo e narrativo, à medida em que me grafo e entoo.

Só emerge e ganha forma **o que em mim se oculta** à medida em que me entrego ao exercício, ou melhor ao **DELEITE** de tornar linguagem aquilo que **pressinto me habitar.**



“Quando você começa a caminhar, o caminho aparece”, diz Rumi, o poeta persa

Sob a luz do dia, os mistérios da noite e as clarividências do amanhecer, sigo a **ERRAR**

A noite é conselheira, é jardineira.

Me semeia, cultiva e revolve minhas terras.

Aurora é doula e parteira.

É “assopradeira” de segredos, encantos e sortilégios.

Urano-O Rebelde, me convoca a novos impulsos, me rege e rege esta errância.

O Vento é meu guia.

Me leva, conduz, impele, arrasta, tira do lugar, desafixa, “desenrijece”, desengessa

Que forças, que energias são estas a que os ventos me convocam, me operam?
Porque é o Vento que me conduz por esta errância?

Por guardar muitos em si?

Por impelir ao movimento?

Por sua força de romper a paralisia, de arrancar-me do lugar fixo e cristalizado?

Por habitar terra e céus?

Por penetrar nos desvãos, nos recantos mais escondidos e reclusos?

Por ser invisível?

Por não poder ser agarrado?

Por ser errante?

Por serem sopro, as palavras?

Não sei ao certo e talvez seja melhor deixar o mistério no ar.

Dizem que não convém nos aproximarmos dos sonhos, dos símbolos, do sagrado, como quem arromba a porta.

É preciso cautela, vagar, delicadeza e até aceitar o indevassável, impenetrável.



A errar entrevejo o fio invisível. Pressinto desígnios, rumos, sentidos, até mesmo propósitos.

Ou seria um cosmos? Um cosmos brotando do caos?

Há sombras que preciso confrontar.

Há luzes que preciso desvelar.

Preciso?

Ou será melhor dizer, anseio?

Há desejos de tensionar minha trajetória deixando o que não serve mais, regando novas sementes, colhendo frutos e buscando novos rumos.

Mergulhar nas águas subterrâneas das narrativas é um modo de mergulhar em minhas águas subterrâneas.

O contrário também é verdade:

Mergulhar em minhas águas subterrâneas é mergulhar nas águas subterrâneas das narrativas, no gesto de narrar e narrar-se.

Há algo mais fundo e essencial que às cegas sou levada pelos Ventos
Algo que sonho tocar, desvelar, trazer à tona, colher e compartilhar.
Algo que se me escapa e se me oferece.

Seria o **“OCULTO MOTIVO”**?

O Vento assopra em meus ouvidos:

- A escuridão pode ser conselheira. O dentro pode ser humus. Os cem anos de sono no castelo envolto por uma floresta de rosas e espinhos, como “A Bela Adormecida”, pode ser promessa de um novo acordar. Nas entranhas da terra a semente se gesta em flor. No reino de Hades, senhor das trevas e da morte, Coré se transmuta em Perséfone. A menina virou mulher, a virgem agora é rainha.



PRIMEIRO MOVIMENTO - NARRAR

na casa edifício, casa CorpoSer, a narradora-errante submerge e emerge.

Era o final do verão. Guiada por Nossa Avó, A Curandeira - a anciã que traz conselho, consolo e cura às mulheres em dor - em fevereiro de 2020 fui levada ao reencontro de Amaterasu, a deusa solar do Japão.*

Ao chegar no País do Sol Nascente o povo estava a celebrar o rito da criatura divina a quem chamam carinhosamente de "Ama".

Como acontecera em tempos remotos Amaterasu fugia em pânico pelas ruas da aldeia.

Atrás dela, corri. Em fuga. De quê?

A Deusa entrou numa caverna. Com uma pedra fechou a passagem mergulhando o mundo, a vida e a si mesma nas trevas.

À porta da gruta, juntando minha voz à voz dos mortais e oito mil deuses, implorei:

- Ama, retorne, não nos deixe sem as bênçãos de sua luz e calor!

Ela se manteve reclusa. As trevas seguiram nos envolvendo.

Quando dei por mim estava ao seu lado, com ela vivendo a escuridão e o isolamento. No ventre da terra fui tomada pelos medos de Ama e os meus.

Do lado de fora os clamores seguiam invocando por seu retorno.

O mundo e a vida seguiam mergulhados nas sombras. A morte rondava.

* Trecho de reconto autoral inspirado no Mito Japonês de Amaterasu, pesquisado em diversas fontes

Convocada pelo povo e os Deuses, "Uzume- a deusa da alegria" se entregou à uma dança selvagem. Mortais e deuses exultavam. Riam. Aplaudiam.

Curiosa, Ama moveu a pedra e pela fresta espiou. Um raio de luz cortou as trevas.

Em suspensão e aguardo, contivemos a respiração.

Com o coração nas mãos, acompanhamos seus olhos contemplando a mulher que se estampava na película cristalina do espelho sagrado estrategicamente colocado pelos Deuses à frente da gruta.

Dependurado sob um galho da árvore sagrada enfeitada de fitas nas cores solares, ele refletia a deusa que se indagava:

- Quem é esta que vejo diante de mim?

- É você mesma, Ama. Não se reconhece? Respondemos.

Ela se iluminou. Nós transbordamos.

Pelas ruas - com Amaterasu e Uzume, o povo e os deuses - dancei em êxtase.

Sol e Alegria, desde então inseparáveis, retornaram à casa da tecelagem.

Ali passei uma temporada vendo Ama tecer a vida ao lado de suas companheiras.

Ao me despedir, Amaterasu me abraçou e aproximando seus lábios de meu ouvido, me revelou:

- Seu tempo na caverna não terminou. Guardada no oco, ventre, silêncio, escuro deverá encontrar-se com suas sombras.



Assim foi:

Em março do mesmo ano me encontrei resguardada no interior da casa, **casa-edifício, casa CorpoSer.**

A cair, as folhas das árvores saudavam o outono..

Na verdade, não era a primeira vez que me via em meio à uma crise.

Em outros momentos já adentrara a caverna e dela saíra refazendo as costuras do caminho.

Em minha jornada, fênix vem se tornando uma velha conhecida.

E ao Vento, indaguei:

Por que minha sina é passar a pandemia em solidão?

Ou só eu e os felinos que me fazem companhia?

Que passos me trouxeram até aqui?

No instante em que três novos espetáculos estavam prontos para voar, suas asas foram cortadas.

Há algum sentido, nisto?

Qual a razão das portas se fecharem justo nesta hora em que após um intenso embate de refazimento de rota e de mim consegui desenhar um novo caminho pelas veredas das narrativas?

A que vem este tempo de resguardo?



*...entre em si mesma e explore as profundezas de onde vem a sua vida; *.*

Respondeu meu amigo inspirando-se em Rilke. Ele gosta de poesias e de histórias.



- *Entra, mergulha, dorme.* Sussurraram em coro Amaterasu, Perséfone e Bela.

A cerca de dois anos e meio sigo em reclusão. Ou seriam cem?

Habitando o âmago, o recôndito, me revisito e aos contos que tem me acompanhado ao longo dos dias e das noites e no transmutar das estações.

A escavar minhas terras procuro os rastros de mim, da narradora, da narradora em mim, destas inquietações, sonhos, desejos, anseios, experiências que me perpassam.

Tomando nas mãos o pincel da arqueóloga tiro a terra e a poeira dos fragmentos submersos.

E ao Vento pergunto:

- O que os cacos poderão contar-me da peça que um dia foi inteira? Será que na junção dos pedaços encontrarei a completude? Será possível compreender a teia da vida através dos fragmentos colhidos do subsolo?

- Lembra do poeta Yunus Enré? Pergunta meu guia. Sete vezes por dia durante três vezes sete anos ele varreu a areia do deserto que em seu mover incessante voltava a recobrir o pátio do monastério. Lembra, que embalado por sua vassoura ele enfim abriu a boca dando vazão às palavras gestadas na solidão e no silêncio? *

* Trecho inspirado na vida lendária do poeta Yunus Emre, contada no espetáculo "Palavras ao Vento", criado e apresentado em 1999 pela autora com base em várias fontes de pesquisa. "Nascido em torno de 1238 e falecido em torno de 1320, é considerado um dos maiores poetas do Islã. Era um pastor iletrado, ligado à ordem sufi de Hadji Bektash, que viveu na Anatólia, Turquia. Deixou um Corps de Cantos Místicos, editados após sua morte e que circulam até hoje por tradição oral" (Informações recolhidas no livro "Os melhores poemas de amor da sabedoria religiosa de todos os tempos – Ediouro, 2001.

Sem mais indagar me calo e no resguardo do dentro, sigo a cavar e tirar o pó, a só cavar e tirar o pó.

De algum modo, este se guardar na interioridade da casa-caverna em quarentena vem permitindo que essa escrita jorre, desague, trazendo as águas reclusas às terras do mundo.

O contrário também é válido: o desaguar da escrita vem me ajudando a penetrar na caverna que tenho evitado, ou que adentro e fujo.

Há horas que sopram rajadas mais fortes abrindo passagem para este escuro que preciso, desejo habitar ou pelo qual sou habitada.

Escuro que mora em mim e me convida a nele penetrar e errar.



Como os heróis e heroínas
que ao longo do caminho
encontram “chaves” para a
realização de seu propósito,
a errar
pelas paisagens
das histórias maravilhosas
e as minhas,
toco segredos,
mistérios,
encantos
que se guardam
nas sombras,
trevas,
âmago,
cerne,
coração.





A palavra **coração** leva-me a errar pelo
poema “Um pé depois do outro”,
de Mario Quintana*

*Será do tempo? Será do quê? Os meus
sapatos rincham, os meus sapatos cantam
de alegria. E eu vou andando e aguardando
– cá de cima – que o seu oculto motivo
chegue afinal até o meu coração”.*



Na busca deste oculto motivo, erro e ausculto.

Ele é tihoso

se esconde

eu teimo

ele escorrega

às vezes

desanimo

outras

persisto

uma fresta

se abre



um vislumbre se me oferece

no dentro

penetro

Escuto

uma palavra semente

cai em meu colo

ao vento conto:



Um dia, a palavra errância me tocou e tomou.

E curiosa, saí em busca de seus significados:

ERRAR

Verbo intransitivo:

Vaguear. Perder-se. Esgarrar. Flutuar.

verbo transitivo:

Enganar-se em. Não acertar com. Não dar em. Não dar com.





ERRANTE

Adjetivo: Que anda sem destino; característica do que ou de quem erra; que vive a vagarear. Que não possui uma residência fixa.

Por Extensão: Que se desvia do caminho da sensatez; sem bom senso. Refere-se a aptidão de ser nômade; erradio.

substantivo masculino: Pessoa que possui essa característica; erradio, perdido ou desnortado.

Etimologia (origem da palavra errante). Do latim *errans.antis*.

Adjetivo: Que se refere aos errantes.

[Zoologia]: Qualquer ser que pertença a espécie dos errantes.

substantivo masculino plural: Errantes. Zoologia. Subclasse dos anelídeos.

Etimologia (origem da palavra errante).

Do latim *Errântia*.

Sinônimos de Errante: erradio, prófugo, vagamundo, vagante, andante, nômade, nômade, vagabundo.

Gostei da ambivalência.

De um lado o **erro**, de outro o **errar**, não no sentido de cometer uma falta, mas de seguir ao léu pelos caminhos.

A possibilidade de seguir sem destino traçado, se permeando e sendo permeada pela travessia - me seduziu.

A **errante** erra, se coloca no risco e em risco.

Equilibra-se sobre a corda bamba.

Admite a possibilidade de tentar, se atirar, experimentar, ousar.

A incerteza, o não saber, o que não dá certo, faz parte da jornada.

Ao me dar conta da possibilidade de seguir em **errância** pelas veredas do viver, meu coração pulsou, expandiu, dando um pouco de sossego ao Ser tomado pelo medo do erro.

Medos meus e que presencio em outras tantas pessoas que venho encontrando ao longo das trilhas.

- *Não sei, não consigo, não sou capaz*, são palavras que ficam martelando seu som avesso escondido **nas brenhas da alma**.

Pensando no errar como errância palavras ecoam:

deriva,

devaneio,

flanar,

deambular,

peregrinar,

perambular,

movência

degustar,

deleitar-se,

passear e...

Vagamundo

Vaga – mundo

Mundovago

Na palavra vagamundo reencontro Eduardo Galeano passeando por mitos, contos e cenas da realidade, a quem chama de *A Senhora Muito Louca*.

Com um lápis e minúsculo caderno à mão ele erra pelo tempo e espaço dando ouvidos às vozes que foram caladas. Histórias brotam de seus dedos.

E é ele mesmo quem conta:

*Vou caminhando pela costa da cidade onde nasci. Ando nela e ela anda em mim. E, enquanto vou, as palavras caminham dentro de mim e vão formando histórias.**

As palavras viajam sem pressa, como as alminhas peregrinas que vagam pelo mundo e como algumas estrelas que às vezes se deixam cair, muito lentamente nos céus do sul.

*As palavras caminham latejando. E nesses dias, por puro acaso, fico sabendo que no idioma turco **caminhar e coração têm a mesma raiz.** ***

* GALEANO, Eduardo. L&PM Blog - <https://www.lpm-blog.com.br/?p=27029>. / **GALEANO, Eduardo. **O Caçador de Histórias**. 2ª edição. Porto Alegre. L&PM editora, 2016.

Galeano, assim também acontece comigo:

Quando sigo palmilhando o chão o pensamento se fia, as palavras afloram e se fazem voz.

É como se os pés caminhantes invocassem a memória, o imaginário e os sonhos.

Outras vezes é na trilha da conversa que minhas palavras brotam me revelando pensares e sentires guardados em recantos secretos de mim.

É como se as palavras se alinhavassem por artes de alguma magia caminhante, (dos pés... da fala).

Será isto possível?

Será Galeano, que entregue a este gesto errante me situo em meu coração?

Vento que me venta, na errância deste texto que vai bordando trilhas no branco, pressinto aqui uma conversa - até mesmo namoro - entre errar e narrar.

Ele escuta, se agita como quem ri divertido e me sussurra:

*O vento apaga as pegadas das gaivotas.
As chuvas apagam as pegadas dos seres humanos.
O sol apaga as pegadas do tempo.
Os contadores de histórias procuram
as pegadas da memória perdida,
do amor e da dor, que não são vistas,
mas que não se apagam.**

Surge a voz de Dorival Caymmi entoando

*- Vamos chamar o vento, vamos chamar o vento... Vuuuuu, vuuuuuuuu....***

Galeano responde

Assovia o vento dentro de mim.

*Estou despido. Dono de nada, dono de ninguém, nem mesmo dono de minhas certezas, sou minha cara contra o vento,
a contravento, e sou o vento que bate em minha cara.****

Uma ventania levanta a areia.

Pegadas, muito antigas ressurgem.

- Se o Vento apaga rastros também os descobre revelando traços submersos nas camadas profundas.

Eu digo ao meu guia.

E lhe peço:

- Areja. Move. Revoluciona.

Leva-me onde preciso ir.

Ele me conduz.

Brisa menina faz um afago em meu cabelo a sussurrar em meus ouvidos:

- *“Está no nosso sangue narrar estórias; já no berço recebemos esse dom para toda a vida”. **

*GUIMARÃES ROSA, João. Entrevista conduzida por Günter Lorenz no Congresso de Escritores Latino-Americanos, em janeiro de 1965 e publicada em seu livro: **Diálogo com a América Latina**. São Paulo: E.P.U., 1973. <http://www.tirodeletra.com.br/entrevistas/GuimaraesRosa-1965.htm>



E dando-me a mão, Brisa carrega a narradora **ao encontro de minhas raízes**



No antigo sobrado de verdes janelas, penetro, e comigo me deparo:

Meus pés de criança bailavam histórias.

Era na sala de visitas. Era de noite.

Na vitrola o disco preto e bolachudo girava.

Ao toque da agulha a música brotava e me inundava.

Menina-borboleta, eu vojava do sofá à poltrona, da poltrona ao tapete.

Transformada em bruxa, princesa, guerreira errava por florestas, montanhas, mares....

Meu avô, encantado, assistia.

Brisa, doce amiga, desde sempre me habitaram o corpo, a dança, a imaginação?

Imaginar e mover, mover e imaginar já faziam “pas-de-deux” em meu Ser?

Vem me chamou Brisa e lá estava eu conversando com Lér, minha amiga invisível, poço de segredos, alegrias e tristezas.

Já me habitava o chamado para o invisível e a conversa com esta “outra de mim” que em seu nome me fala do gesto de ler?

Flanando, Brisa já me leva a outro recanto, um escondido e imerso em sombras.

Alhures, numa memória que não me pertence, enxerguei minha avó contando histórias à minha prima.

Será que o sabor de contar me foi transmitido por herança?



A manhã espreguiçava.

Deitada na cama de casal de meus pais deixava meus olhos vaguearem pelo desenho entalhado na madeira da escrivaninha.

Eu já não estava na cama, eu me equilibrava na ponte, me banhava nas águas claras, colhia uma fruta do pé, brincava com a menina que vivia na casa das três janelas.

Já vivia em mim este anseio de me entregar ao devaneio e adentrar o reino mágico?

Eu já amava transitar entre mundos tal e qual o jovem que mergulha no quadro e se casa com a mulher que colhe papoulas?*

Ou como a fada que ao se bordar no quadro feito pela anciã consegue passe livre para viver ao mesmo tempo no reino das encantadas e dos mortais? **

Eu já vivia Inter Mundos?

* L'Aventure de Chu, em GOUGAUD, Henry. **L'Arbre à Soleils**. Editions du Seuil, 1979. ** O Quadro de Pano, em **O que Conta o Conto**. BONAVENTURE, Jette. edições Paulinas. 1992.

Brisa voa. A paisagem é outra.

No jardim eu caçava raios de sol. No meio do fecho de luz, a poeira de ouro dançava. Eu me encantava acompanhando os giros e saltos.

- São fadas dançando, cochichou minha mãe em meu ouvido.

Ela desapareceu. O jardim sumiu e virou floresta. Um grão da dourada poeira cresceu, cresceu... e se virou em fada: Arco-íris era seu nome.

A floresta sumiu.

Na companhia de minha nova amiga, adentrei o Reino Mágico. No salão de cristal, em companhia das encantadas, dancei. A tampa de uma arca se abriu. Do dentro brotaram paisagens, criaturas e suas vozes. Como no cinema assistimos a história se fazendo nas paredes de cristal.

No dentro da lembrança recordei que por noites e noites vivi esta aventura secreta. A voz de fada Arco-íris cochichou em meu ouvido:

- Nunca se esqueça destas viagens noturnas e das histórias que ouviu. O Reino sumiu. Eu estava no jardim.

A poeira dançava no raio de sol.

- Nunca se esqueça de **maravilhar-se, alumbrar-se**, cochichou minha mãe em meu ouvido.



Brisa, em criança eu já havia encontrado o caminho para o reino do maravilhoso?

Minha mãe também conhecia esta passagem secreta?

Foi ela quem me revelou as trilhas escondidas, quem em mim despertou lembranças que meu ser trazia?

Trazia de onde?

Brisa, de onde se origina este impulso que me chama ao reino mágico e que minha mãe recordou em mim?



Brisa se agitou descerrando outra lembrança.

O pátio do grupo escolar estava cheio, era dia de festa.

No palco eu recitava um poema.

Estava contente, parece.

A timidez era transposta pelo gosto de dar expressão à voz ou de dar voz à expressão?

Este sentimento já vivia em meu sangue?

Meu corpo era perpassado por ele?

Nova aragem soprou.

Esquecida do tempo, sentada na poltrona da sala ou no parapeito da janela, eu me entregava às histórias impressas nos livros. Contos de fadas do mundo e aventuras me povoavam. Com lápis de cor coloria as ilustrações em preto e branco.

Já me tomava o desejo de errar pelo fio das letras atravessando mundos mágicos?

Em preto e branco as imagens saltavam da tv.

Na tela surgiu Shirley Temple. Envolta em seu vestido de fada anunciou a história do dia.

Uma ilha voadora inundou meu olhar e me tomou.

Me senti elevada aos ares junto com os animais da terra mágica.

Brisa, o encanto vem da apresentadora e suas vestes ou da magia das histórias que ela anuncia?

Ou vem deste entrelaço entre ela e as histórias?

Ou ainda desta possibilidade de voo?

Os ares já me convidavam ao seu colo?



Curiosamente a figura da mulher apresentadora hoje me lembra a narradora.


Ela não contava, mas ao apresentar era como se fosse ela quem nos abria o portal e nos levava aos chãos de magia.

O que me lembra que meu primeiro papel como atriz, aos 15 anos, foi do Corifeu: aquele que guia os ouvintes pela trama da história.

Anos mais tarde, no espetáculo “O Auto da Compadecida” fiz o palhaço, mais um arauto da trama.

Em “As Troianas” fui Cassandra, aquela que vê, sabe, revela e anuncia o que acontecerá.

Estes três papéis guardam alguma semelhança. O que eles contam, me contam?

A painting of a forest with large trees and a path leading into the distance. The trees have thick, brown trunks and dense green foliage. A path of light blue and white leads from the bottom center towards the background, creating a sense of depth and mystery. The overall style is soft and painterly.

Brisa, é isto que faço?
É isto que busco?
Sou a guardiã ou porteira
deste portal inter-mundos?
Sou aquela que guia
os/as viajantes
por estas veredas de magia?
Já estava lá na minha tenra
infância o anseio essencial?

Calei-me.

No silencio da noite,

Calei-me.

Busquei lá no fundo de mim a poeira dourada.

Estava tão longe no tempo.

Era preciso regar a lembrança.

Busquei os raios de sol, Arco-íris e o reino das Fadas.

Busquei Lér, a menina dançante, os fios do imaginário, os sabores da palavra em voz.

Busquei esta mãe, minha mãe, que me povoou da palavra alumbramento, que me convidou ao Ser que se maravilha.

A agradei. A saudei.

Agradei e saudei as lembranças.



Brisa sussurrou:

- É hora de seguir. Outros tempos te esperam.

Um pé de vento correu os ares. As folhas tremularam nos galhos das árvores.



Vento,

Não sou **cigana ou beduína**.

Não vivo transitando por terras - apesar de já ter vivido em duas cidades.

Não sou uma **nômada**.

Mas pareço gostar de **deambular** por muitas paragens, campos, paisagens.

Na captura **vagante** dos rastros de mim percebo a **errante** que anseia por esse lugar mais livre, essa possibilidade mais leve de ser e estar, esse transitar entregue ao fluxo, ao que vem, ao que se abre, ao inesperado, aos encontros, aos momentos.

*Como Fátima, a Fiandeira** - que levada pelas correntezas do ar e do mar se entrega ao aprendizado de muitos ofícios no encontro com muitas pessoas e paisagens - em minhas travessias venho experienciando muitas linguagens e campos do viver.

Mas venho, sobretudo - **vagueando, flanando, passeando** - **pelo reino mágico dos contos, mitos, lendas, histórias de vida e narrativas de si**.

* Referência à personagem de Conto Tradicional da Grécia, em **Contos da Tradição Sufi**. Edições Dervish, 1993



Seria uma fuga do real?

Ou seria a compressão do sentido estético-político de cultivar o Ser sensível, a conexão com o mundo mítico, mágico, invisível, encantado?

Seria este um ato de resistência?

Ou seria melhor dizer **re-existência**?

O primeiro nome que me dei ao começar a narrar foi **“Andarilha”**. E o projeto chamou-se inicialmente “Teatro de Histórias Itinerantes”.

Era o ano de 1993 e ao estrear “Caminhos do Destino” - meu primeiro rito narrativo solo para adultos - encontrei-me na figura da narradora descobrindo que o desejo de meu coração era contar histórias.

Hoje percebo que no nome e na imagem, o ato de perambular já se revelava como anseio e caminho.

Com os pés entregues ao chão do mundo e dos reinos encantados, tendo como “casa” somente uma sombrinha com seu ápice voltado ao céu - Eu Andarilha - errava fazendo a trança das histórias.

Corpo-voz, corpo-canal, adentrava e adentro casas, escolas, empresas, hospitais, instituições de cultura, espaços públicos, praças, ruas...convidando adultos, jovens e crianças ao ser que se encanta e maravilha.

A mulher - que desde bem pequena se fascinava pela paisagem das histórias e da casa dos amigos (cada uma com seu cheiro, sua cor, seu sabor, seu tempo) - saiu a errar pela cidade e pelos contos transitando pelos fios mágicos da realidade e do imaginário, do visível e do invisível.



No momento em que me encontrei com **a figura da narradora** percebi que ela me permitia integrar os tantos temas pelos quais eu me interessava, as minhas errâncias por tantos caminhos que pareciam contrastantes ou até antagônicos: o teatro, a dança, a literatura, a narrativa – a memória, a experiência e o imaginário – a cultura e a educação – a brincante, a narradora, a curandeira, a artista, a educadora.

Era como se eles não mais voassem soltos no ar.

Um fio sutil – ou muitos fios – os unia em teia diáfana

Na narradora, encontrei, como diz Galeano, “a unidade perdida”. Não a unidade entendida como verdade única, mas esta unidade singular e plural (seria isto um paradoxo?).

Na narradora encontrei esta Criatura que abarca a vida mais como uma rede do que como uma reta, que não se faceta nas especialidades cada vez mais especialistas da sociedade contemporânea.

Então me coloquei na estrada seguindo os rastros das “bocas contantes” enraizadas na tradição de tantos povos e presentes nas funduras de mim, sei lá por quais mistérios.

Será, Vento que neste encontro encontrei-me com a Figura que desde sempre em mim se sonha? Aquela que se guarda em minhas células?

Na escrita, leitura e releitura destas palavras, meu Amigo, tomo consciência que além dos contos e do ato de contar, **busco este modo de ser, viver, conhecer e errar a que a contadora convida.**



Como as guardiãs do fogo,
neste andarilhar/perambular
mantive e mantenho acesa a chama narrativa



No tempo apressado da cidade convidei adultos, jovens e crianças a um outro tempo, este tempo fora do tempo a que as histórias nos levam e guiam.

A natureza, as encantarias, os estados de almas, os dilemas e virtudes do Ser, as festas e estações do ano, os brinquedos e brincades e muitos outros temas me tomaram em forma de contos.

Em busca de nutrir o pensamento mágico e imaginativo, o encantamento, a alumbramento, a fala e escuta busquei criar lugares propícios ao encontro entre contos, contadora e ouvinte.

Ora o gesto e palavra foram os elementos essenciais de minha expressão, ora investiguei agregar objetos, sonoridades, máscaras, bonecos, música ao vivo ou trilhas sonoras ao ato narrativo;

O modo em que acontece o encontro entre narradora, contos e ouvintes é algo que me encantou e encanta investigar. Nesta procura e desejo projetos nasceram:

- “Histórias e Sabores” alimentam corpo e alma com quitutes e palavras.
- “Encontros à luz de histórias”, cultivam um tempo e um lugar para conversa ampliando a escuta do conto.
- “HistoriArte” expande a relação com as imagens do conto por meio de experiências lúdicas e expressivas.

Quase trinta anos transcorreram nesta errância.

Meus pés pisaram a relva e as pedras.

Luzes e trevas me banharam.

Houve épocas em que as águas fluíram, outras em que se transformaram em pântanos.


Houve épocas que enxerguei o horizonte, outras em que me vi perdida ou em encruzilhadas.

Um caminho foi percorrido e construído.

Nele encontrei tesouros.

Também dúvidas e questionamentos.

Algumas vezes me vi diante de paisagens impenetráveis sem saber para onde e como seguir.

The image shows a dark, textured surface, likely a book cover or a piece of fabric, with a vertical light source on the right side. The lighting is soft and warm, creating a sense of depth and texture. The overall tone is dark and moody.

As experiências foram muitas, mas aqui não é o lugar nem a hora para me deter nesta lembrança.

REDEMOINHOS E REVOLUÇÕES
num turbilhão, vento-me

Um pé de vento já me arrasta para um momento no presente.

Uma voz me lança a pergunta:

O que é ser uma contadora de histórias?

Vento-me num turbilhão pensando:

Esta é a questão de uma vida.

Respondê-la é mergulhar nos dilemas de minha travessia e na história da arte narrativa.

Imagens chovem:

Uma guardiã da memória? Uma encantadora da vida? Uma semeadora de poesia? Uma escutadora ou escutadeira? Uma jardineira de palavras? Uma semeadora de imagens? Uma feiticeira da voz? Uma cozinheira de quitutes para o corpo, a alma e o espírito? Uma ponte entre tempos, gerações, visões? Uma trançadeira dos viveres em fios de magia? Uma curandeira? Uma bruxa? Uma antena? Uma árvore que em seu corpo guarda os rastros da vida? Um pulsar? Um movimento? Uma voz? Um corpo? Um colo? Uma boca e um ouvido? Aquela que mantém o pé no passado, no presente e no futuro? Que faz elos, trança vínculos? Que sabe dar conselhos – conselhos disfarçados por metáforas? Que persiste apesar dos descaminhos do mundo? Que segue pela senda do sensível e da sensibilidade? Que acredita no caminho da experiência? Que se encanta pelas palavras, seus sons e sentidos, suas imagens? Que se religa a outros modos de Ser e Conhecer? Que adentra cosmo percepções diversas na busca de tantos outros? Que busca enxergar o invisível? Que se alumbra e maravilha? Que visita o reino dos sonhos? Que cura e é curada pelas palavras e imagens? Que dá a mão para os netos e segue pelo fio mágico das histórias? Que acende o fogo da voz, o calor do encontro? Que sente existir nas entranhas de seu Ser uma memória ontológica – longínqua - dos rapsodos, bardos, aedos, menestréis, contadores, faladores, narradores?

A pergunta, me levou e leva a tantas indagações.

Me levou e leva a pensar sobre as contadoras e contadores de tantos povos e de tantos tempos.

Me fez e faz indagar sobre os pontos de contato e distinção entre narradores/oras de hoje e do passado.

Me levou a refletir sobre minha própria trajetória, meus passos, minhas buscas, meus acertos e erros, meus passeios.
pelos contos e pelo ato de contar, meus encontros com ouvintes.

E novas perguntas surgiram e surgem:

Na busca de contar histórias, de tornar real meu sonho e propósito de vida que florestas adentrei, enfrentei, habitei?
Em quais desfiladeiros me equilibrei?
Por quais penhascos desabei?
Em que cavernas me enfurnei para me encontrar com minhas sombras?
Que montanhas galguei?
Em quais picos vislumbrei lonjuras?
Em que jardins encontrei descanso e beleza?
Em quais pomares fui nutrida?
Onde me perdi?
Onde me encontrei para de novo me perder e me reencontrar?
Onde errei?

Então lembrei-me que no confronto com dilemas da minha jornada como contadora, um dia me disse:

É hora de me entregar à composição de novas veredas, respiração, alimento, morte e renascimento.

É hora de jogar fora o que já não faz mais sentido.

É hora de descobrir o novo e com ele compor novas tramas.

É hora de iluminar e aconchegar o que se mantém da minha trajetória como contadora de histórias, numa desconstrução e reconstrução de meu “fazerser”, em mim e no mundo, em busca de aprimorar minha poética e minha estética para realizar o sentido vital do gesto afetivo de contar histórias que desde tempos longínquos semeia encantos no mundo e no coração dos Homens.

E as perguntas seguiram e seguem a brotar:

Por que, quanto mais longa a estrada, mais perguntas me atravessam, mais questões me assaltam?

O que procuro nesta errância pelos contos a que me entrego por quase trinta anos?

Que narradora quero ser a partir deste tempo da vida, diante dos dilemas, estes que me povoam e estes que o planeta atravessa?

Como seguir contando histórias em um mundo tantas vezes avesso?

Como abrir portas? Como seguir em fluxo?

Como atravessar os desertos?

Como sair da caverna?

Como cortar o espinheiro que cerca o castelo da Bela Adormecida?

Já transcorreram os cem anos predestinados pela décima terceira fada? Porque o Esperado não chega?

Onde se esconde Uzume? A deusa da Alegria virá me chamar?

Como irromper das camadas subterrâneas para rolar sob a luz do sol e da lua?

Como regar a terra e suas criaturas com as águas de meu rio?

Como trazer para o leito da terra estas histórias que me povoam, que dormem em mim?

E o meu Ser, desde quando se entrega a errância das histórias, por que a elas foi chamado?

Por fim, diante de tantos questionamentos perguntei:

Será que existe uma resposta única, ou será que estas tantas perguntas estão a me contar que ser contadora de histórias é uma busca constante como é a busca de Ser?



Ser.

Quem sou?

A que vim?

A que sigo?

Temos um propósito, ou ele vai se transmutando e se compondo ao longo do caminho?

Mas, por qual caminho seguir?

Calma, respira, descansa, aconselhou o Vento

Esta busca se faz no **vagar**,

como no vagar mergulhamos nos contos

Contar histórias é arte do vagar, da **vagância**

Divagar

Devagar

Adentrar as camadas de sentidos dos símbolos das histórias maravilhosas ou da vida é algo que se faz no tempo da artesanaria, se entregando ao sabor de divagar.

Vagar

Vem, escuta esta poesia:

*O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo.*...*

E agora, aconselhou-me meu amigo (como bom narrador, ele sabia dar conselhos)

Descansa.

Dá um passeio


Esquece um pouco os questionamentos e o texto e entregue-se ao caminhar.

Ir é ser. Não parar é ter razão *. Ele entoou inspirando-se no poeta

Levada por meus pés, segui sem destino, só me impregnando pelo fluir do corposer em movência, me permeando e sendo permeada pelo derramar da luz nas folhas; os rosasvioletasroxosamarelos das flores estampando-se em minhas retinas; um repentino voejar de folhas...

A flunar na rua - sem o propósito de ir e chegar a algum lugar, sem outro desejo que não fosse o do sabor de andar, de sentir o fluxo e nele sair - lembranças emergiram:

* PESSOA, Fernando. Frase do poema "**Qualquer caminho leva a toda parte**", em **Fernando Pessoa. Poesia, 1918 – 1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007,

A close-up photograph showing a person's bare foot stepping onto a woven basket. The basket is light-colored with a dark, possibly blue or black, pattern. The person is wearing dark clothing, likely a skirt or dress, which is visible at the top of the frame. The floor is dark and appears to be made of wood or a similar material. The lighting is somewhat dim, creating a moody atmosphere. The text "E eu me entreguei aos devaneios sobre errar e narrar" is overlaid in the bottom left corner.

E eu me entreguei aos devaneios sobre errar e narrar



NA ERRÂNCIA, MEUS MOVIMENTOS SE FAZEM

*Erramos em sintonia fina com as substâncias
e externa, o eu/si e o ambiente.*

Era os anos 90.

Lá estava eu nas aulas de consciência corporal a exercitar **o andar com foco e intenção**, em busca da presença cênica. Por um tempo, achei que só este modo de caminhar era um caminho válido (como temos ou tenho a tendência de nos aferrarmos a verdades únicas).

Até que me dei conta que há muitos modos de caminhar.

Há momentos em que os caminhos nos levam e guiam.

Há o andar que passeia, divaga, devaneia, como aquele do poeta.

Há o andar que se deixa levar pelas correntezas das águas e do ar

Sim, é certo que andando ao léu também podemos nos perder em florestas tenebrosas, no deserto sem fim ou correr o risco de ficar rodando em círculos...

*... Mas há horas e ocasiões em que
- feito o rio que desperta caminhos em conversa com a terra -
é propício se deixar levar pelos pés
somente sentindo o toque do chão,
a aragem do ar,
os perfumes
e cores.*

Há contos em que as personagens saem de seu lugar de origem com um propósito/foco definido e claro. Em linha certa seguem.

Há outros em que partem sem destino certo. Seguem e o mundo vem ao seu encontro. São levadas pelo destino e o destino a elas se achega.

O que importa é - aceitando a ruptura - sair do lugar fixo e se pôr em marcha entregue à movência, ao fluxo, à errância.

Mas com os sentidos despertos, para estar permeável aos encontros e confrontos do caminho. Não, ~~despertos~~ não me parece ser a melhor palavra - nem ~~acordados~~ - pois as vezes é na dormência que a percepção se alarga.

Seria então melhor dizer sentidos abertos?

Não sei. Ainda busco a palavra.



A errar

seguimos entregues ao caminho **como quem boia está entregue à água.**

Não é fácil boiar.

É preciso uma profunda escuta de si e da água.

Estas duas forças se entregam uma à outra em profunda sintonia quando nos permitirmos nos deixarmos levar ao sabor das ondas sustentadas sobre a fina película.

Neste instante o mundo para,

ou melhor,

flui no mais profundo silêncio.

Vento, quando erramos - como quando boiamos - estamos nesta sintonia fina com as substâncias internas e externas, o eu/si e o ambiente?

Neste momento somos um só?

Nosso pé segue ao som do coração, como no poema de Quintana?

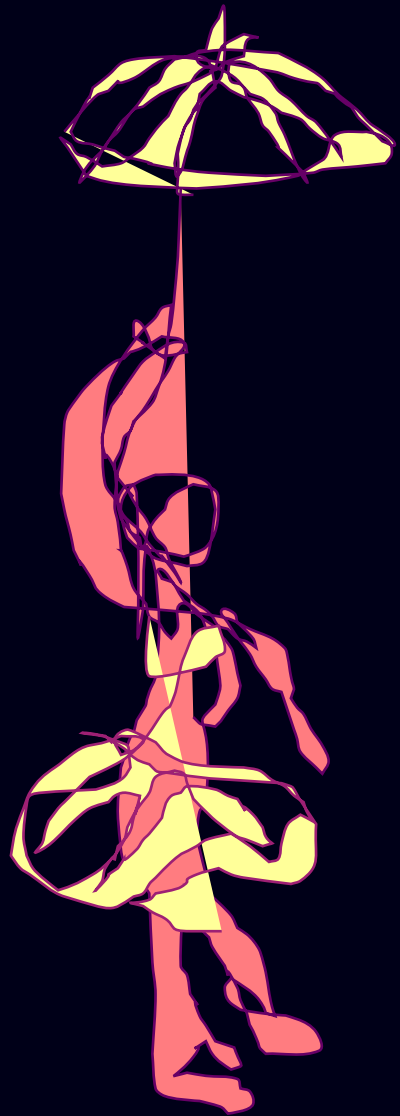
Meu Amigo, este **“estado de graça”** algumas vezes me acometeu ao narrar.

No lugar onde derramava minha voz no ar dando passagem a um conto eis que o silêncio cantou.

Era como se um fio de ouro ou uma finíssima película diáfana envolvesse narradora, ouvintes e história.

Nessas horas mágicas – presentes do divino – como quem boia não poderia me assombrar, me assustar, me sobressaltar.

O único modo de não romper o sutil equilíbrio e afundar, era seguir **entregue ao fluxo**, sem nada agarrar, sem a nada se atar.



Equilibrando-me na corda bamba - sentindo o contato do fio com a sola de meus pés, o corpo com o ar, o olhar no horizonte - eu seguia, passo a passo, palavra a palavra, pelo rio da história

Vento, narrar como quem boia seria se se colocar nesta sutil escuta do conto, de si, dos ouvintes, do tempo e do ambiente?

Como nutrir este estado em si? Como se abrir a este campo perceptivo? Como sutilizar os sentidos?

- Vem, vem boiar. Convida o vento. Vem sentir as delícias de entregar seu corpo à água, ser levada na mansidão das corredeiras, ser aconchegada, colhida, sustentada pela fina película. Sente o prazer de se deixar ir, fluir, neste tempo entretempos, este tempo infinito como o bater das asa da borboleta. Sente o céu, o ar e os seres todos a te abraçar.

Eu vou. Mas como não há nem rio nem mar por perto, saio do interior de minha casa e ganho o quintal. Neste domingo invernal banhado de sol me deito sobre o chão de cerâmica vermelha como quem se deita na água.

Me entrego. Mas sinto meus pontos de resistência: joelhos, virilhas, ombros...

- Solta, se solta. Mas não se abandona. Aconselha, meu Amigo. Percebe seu peso e ao mesmo a sustentação que o chão /água te oferece.

Me solto. O sol me inunda, penetra nos desvãos de mim. O ar entra e sai. Flui.

Errar, é como respirar, é não prender o ar? É soltar e abraçar? Narrar, é fluir a boiar?

Um passarinho canta. A vizinha da casa ao lado fala. O sino de vento toca.

Eu sou meu corpo mas não sou mais meu corpo. Eu estou imersa no corpo do chão, da casa, do céu, da terra, do ar.

Vento invoca a poeta

*Estou só nos campos
A doce noite murmura
A lua me ilumina
Corre em meu coração
um rio de frescura
De tudo o que sonho
minha alma se aproxima **

com outros versos, respondo:

*... Meus dedos afundam no chão amolecido,
como raízes nuas...
Desce-me ao fundo do peito a terra inteira,
no cheiro molhado da poeira,
e os meus olhos sobem, tateando os verdes...***

* ANDRESEN BREYNER, Sophia de Mello. Poema Campo em **Livro Sexto**, 1964. **QUIMARÃES ROSA, João. Trecho do poema *Integração* em **Magma**. Nova Fronteira, 1997

Vento segue a conversar por poemas (não há outro modo de alcançar as sensações indizíveis que me atravessam, senão pela poesia).

E os meus pensamentos são todos sensações.

Penso com os olhos e com os ouvidos

e com as mãos e os pés

e com o nariz e a boca

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la

E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

Por isso quando num dia de calor

Me sinto triste de gozá-lo tanto.

E me deito ao comprido na erva,

E fecho os olhos quentes,


Sinto todo meu corpo deitado na realidade,

Sei a verdade e sou feliz.

No quintal, sobre a cerâmica, o sol penetrando em cada desvão de mim, eu sigo a boiar.

Vento, me chama a meditar:

- Vem, se entrega às veredas mágicas das histórias. Erra por elas, como o rio a passar. Como fazem as visitas, bate à porta e pede licença antes de adentrar o território encantado e sagrado. Como quem se senta à sombra de uma árvore, se aconchega à sombra do conto, e aí fica por um tempo sem fim só ouvindo o balbuciar das folhas. Aspira o perfume que brota das palavras e das imagens que correm por você como os peixes que deslizam em meio às águas. Abre seus ouvidos pele músculos ossos nervos ao canto das palavras. Deixa que eles te levem e enlevem, sustentem e aconcheguem, como a água ao corpo que boia. Na trama, se teça e entreteça. No enredo, se enrede. Ao sabor das corredeiras, flua, voe. De mãos dadas com as personagens, se aventure e com elas ouse errar pelos caminhos. Como convida o poeta, se o conto já for conhecido, por ele viaje como se fosse a primeira vez. Pelo seu corpo, deixe a história escoar, escoar, escoar, como o rio a passar, passar, passar... Por ela seja atravessada. Com pés leves caminhe por sobre a terra, a água, o ar... e o fogo. A flor da água do conto, siga. Mas também desça às profundezas – as do conto e as suas. Com delicadeza penetre em cada recanto, afluente, corredeira. Não escancare portas, janelas e portais. Não arranque os tesouros incrustados nos veios das rochas. No encontro com o conto não devasse seus segredos, encantos e mistérios. Cuida, cuida sempre de preservar a intimidade. Saboreia as delícias que a história te oferece, como quem se nutre da ambrosia e do néctar. Se deleita. E proseia, proseia... Com a história, a água, o chão, a paisagem... Deixe a conversa boa e gostosa correr e escorrer pela tarde mansa.

A painting of a large tree with a fire in the foreground and houses in the background. The tree is the central focus, with its trunk and branches rendered in dark, textured brushstrokes. The foliage is a mix of green and blue. In the foreground, a large fire with vibrant red, orange, and yellow flames is visible. In the background, several small houses with red roofs and glowing windows are nestled among the trees. The overall style is expressive and somewhat abstract.

Vento, conversar e prostrar me lembram de uma senhora que há muitos anos me hospedou em sua casa na cidade de Olhos d' Água, em Goiás..

Era de noite
A luz era da lamparina e das chamas do
fogo que aquecia a chaleira de água na
boca do fogão a lenha. Sobre o capim
santo recém colhido na horta ao fundo
do quintal ela verteu a água fervente. O
perfume se espalhou no ar. No bule o chá
apurava. A chama dançava. A lenha
crepitava. Eu, boiava na fala gostosa e
na beleza dos gestos de minha anfitriã
hospitaleira.

Golinho à golinho
a bebida aquecia meu corpo.

Golinho a golinho
a conversa acalentava meu coração.

Golinho a golinho
a vida era sorvida em deleite.

Vento, conversar é como boiar, no rio, na chama ou no fogo a crepitar?

É uma entrega ao fluxo, em fluxo?

É imergir na fala e na escuta, no sentirpensar, dizerouvir?

Desde sempre conversas, histórias e fogo se namoram?



Vento, gosto da **conversa** – o gesto, o ato e a palavra.

Gosto de nutrir o tempo e o lugar deste rendado de fala e escuta.

Ouso dizer que conversa é literatura.

Quando conto, me indago :

- como trazer o tom de conversa para o ato e o modo de narrar?

Quando preparo uma história - assim como estamos aqui neste proseado sobre o narrar e o errar - converso com ela e ela conversa comigo.

CONVERSO

Com Verso

Gosto de tecer esta prosa com as histórias e suas imagens fugidias na língua que falam: a dançar, desenhar, narrar, escrever, meditar, dormir e sonhar - no lento vagar dos dias e das noites - tateio este mundo mágico. Na intimidade da conversa uma janela se abre, um véu se levanta, um portal se revela, um recanto escondido se mostra, uma criatura encantada surge cochichando segredos do reino das maravilhas.

Esta conversa me traz à lembrança *Fátima, a Fiandeira**.

Seria a aventura desta viajante a história no meu coração? **

Não sei, mas sei que ao longo destes trinta anos é a narrativa que mais narrei.

Voltando-me para “Fátima” a encontro errando ao sabor das águas e ventos pelas veredas de seu viver.

A encontro encontrando-se em cada nova terra que chega.

Receptiva, ela penetra no ritmo do vida de cada família que a acolhe .

Neste conviver (viver com), ela aprende um novo ofício e refaz a tecitura de seu Ser.

Ela vê, escuta, tateia, aspira e saboreia a geografia e o tempo.

Ela se move no fluxo rítmico do fiar, tecer, esculpir e criar, do esquecer e do recordar.

Ela se faz em artesanaria.

No calor do fazer das mãos e da relação ela reencontra a felicidade. Seu coração se aquece.

Ela boia. Delicadamente ela entrega o peso de seu corpo às águas do mar e às terras que a acolhem em seus braços.

Ela não resiste.

Ela se esquece e se recorda.

Ela flui. Ela erra.

Ela se perde, se encontra e reencontra

* Fátima, a Fiandeira, in **Histórias de Tradição Sufi**. edições Dervish.

** No livro “**NAS NOITES ÁRABES – uma caravana de histórias**”, o escritor Tahir Shah conta sua busca para encontrar a “história em seu coração” . Em um trecho o cirurgião – uma personagem da história – diz : “ Os berberes acreditam que, quando uma pessoa nasce ela vem ao mundo com uma história dentro de si, trancada no seu coração. As histórias cuidam das pessoas, protegem-nas”

Vento devaneia:

- Como Fátima, mergulhar numa história é vê-la, escutá-la, tateá-la, aspirá-la, saboreá-la, movê-la, com ela conviver, dormir, sonhar, e até esquecê-la.

Com Ele, vou divagando:

- E não seria também à história se entretecer? Por este caminho, meu Amigo, ando errando. Numa prosa íntima com a história, à ela faço confidências: conto de mim; dos anseios, sonhos e desejos, dores e tormentas que me levaram às suas tramas; dos bálsamos que nela busco e encontro. Se mergulho no reino da história, à ela também levo meu mundo numa conversa que se trança criando um amálgama entre ela e eu, eu e ela, entre nós: nós duas e outras mais, outras tantas que habitam em nós.

Deste entrelaçar de histórias - as do conto e as minhas - nasce uma terceira que brota desta convivência entre eu e tu, eu e o conto. A quem escuta deixo transparente que a história é minha leitura, uma leitura possível entre tantas. Ela conta da relação, do convívio, da conversa entre o eu e o conto na busca de tecer a conversa entre mundos diferentes, cosmogonias e cosmopercepções distintas.

E ao meu Guia, pergunto:

Na relação entre narradora e narrativa, quem é a água e quem é o corpo que boia?

Narrativa e narradora se acolhem e aconchegam, se entregam e sustentam mutualmente?

Como a água e o corpo que boia, narradora e narrativa se comungam, se fundem, mas não perdem uma na outra?

Como que por acaso um sopro doce e caloroso vira as páginas de um livro e uma frase se abre ao campo de minha visão:

O amor é uma tentativa de penetrar no íntimo de outro ser humano, mas só pode ter sucesso se a rendição for mútua.*

A sensação de boiar retorna e me toma. Lá estou eu, o corpo entregue à água, a água entregue ao corpo. Sou corpoágua. Ela é águacorpo. Uma frase boia em meu pensamento:

Mergulhar numa história maravilhosa ou da vida e por ela ser mergulhada é como tecer uma relação amorosa: com delicadeza, cuidado, vagar e reverência vamos adentrando os recantos de sua paisagem, sua geografia, e nela também nos bordando. Uma noutra, boiamos.

* PAZ, Octávio. <https://www.escritas.org/pt/t/33737/o-homem-e-um-ser>



- Contar é dar colo, segreda-me Vento.

E eu lhe pergunto?

Boiar é entregar-se ao colo das águas que correm em fluxo?

Errar é fluir? É acordar a movência?

Seguir em errância seria entregar-se ao colo da vida saboreando cada instante?

Entregar-se ao colo dos contos é abrir-se ao encanto, ao **deleite**?



Vento se agita. Tudo revolve e como os filósofos caminhante pega em mim mão e, entre passo e passo, vai assoprando:

... “ o deleite libera em nós a intuição criativa permitindo que esta se movimente para a vida pelo contato com os fascinantes textos dos velhos contos e suas figuras simbólicas....

É Porque estão vivas, potentes para revitalizar a si mesmas e capazes de uma efetividade – sempre renovada, imprevisível, embora auto coerente – no âmbito do destino humano que as imagens do folclore e do mito desafiam qualquer tentativa de sistematização. Não são como cadáveres; são como duendes. Com uma risada repentina, uma súbita mudança de lugar, zombam do especialista que imaginava tê-las cravado com um alfinete em seu gráfico. O que querem de nós não é um monólogo, o relatório de um médico legista, mas o diálogo de uma conversação vivente.

O que caracteriza o diletante é o seu deleite sempre preliminar de uma compreensão que jamais se completa .

Os poderes precisam ser consultados diretamente outra vez- e mais outra, e outra, e outra mais. Nossa principal tarefa é aprender, não tanto o que se diz que eles disseram, mas como abordá-los, despertar neles uma fala renovada e compreendê-la”

O verdadeiro diletante está sempre pronto para recomeçar Será nele que as fantásticas sementes do passado deitarão raízes e crescerão maravilhosamente.

* Trechos recortados de CAMPBELL, Joseph.prefácio In “A Conquista Psicológica do Mal” de Zimmer, Heinrich. São Paulo: Editora Palas Athena, 2º edição, 1998

Vento, nesta minha errância de narradora, tenho cultivado em mim, como sugere Campbell, esta *diletante, este Ser diletante?* Tenho me *“deleitado com os símbolos como quem se alegra viver tendo-os sempre presentes na mente e com eles conversado por meio de uma “conversação vivente”?* Tenho me aberto a *infinidade de inspirações que vivem no interior das formas simbólicas?* *

Seguindo a filosofar, Vento traz a voz de Daniel Mundurukú:

“As histórias é que nos contam. Elas fazem isso da gente para ganhar corpo. É por isso que contar histórias não é apenas uma repetição de um texto. Quem faz isso apenas decora e, mesmo que saiba verbalizar ou encenar o que está contando, não consegue atrair as pessoas. Essas histórias têm vida própria. Se elas encontram um bom contador fazem morada dentro dele e nunca mais vão embora.”

e eu lhe respondo:





navego os contos e por eles sou navegada

navego minha história, por ela sou navegada

Depois calei-me na escuta das histórias, tantas histórias que erram por mim.

Vento virou-se em Brisa acarinhando minha pele.

A tarde foi-se guardando e a noite se achegando.

As histórias me percorrem levando-me a atravessar os caminhos do mundo e os recônditos do Ser.





De mãos dadas com as personagens erro por dentro dos contos, encontrando-me e confrontando-me com o medo e a coragem, a alegria e a tristeza, e outros desafios do viver.



**Agradecida às histórias, sua presença e companhia, seus bálsamos e graças,
beijo a terra-berço das vozes contantes**



E, a errar, sigo...

Mas,

o erro

Ah, o erro!

SufocaGritaConstrangeApertaGelaEmpequenaEnvergonhaMedra
ParalisaAssombraAssustaApavoraRoubaMataDiminui.....
.....
.....

O erro é pegajoso.

Ele ronda e quando ataca um frio toma o peito e se alastra por músculos, fâscias, nervos, ossos, sangue, pele, membros.

Um fio de náilon ou corrente de ferro cerceia os movimentos

Tudo para paralisa estanca

Os pés não sabem para onde ir, as mãos se enrolam, a cabeça se perde.

-Você não é capaz, não sabe, é burra, grita a voz insidiosa.

E você repete:

Não sou capaz, não sei, não consigo, sou burra...

E esconde no fundo das gavetas empoeirada da casa e da alma tudo que em você clama por expressão.

Esconde tanto que já nem mais escuta a voz, que nem mais reconhece o desejo.

Sem ar suas relíquias amarelecem, rasgam, viram lixo.

A pilha de restos se avoluma.

Dar a forma final é um passo que você não se sente capaz.

Então foge, foge, foge... do desafio de conformar.

E imersa neste estado de alma enregelante que te diz que está errada, que é um erro, se chicoteia, se esconde, se perde no medo do erro que medra e cresce, cresce, cresce.... a sussurrar em seus ouvidos:

Você luta, eu luto. Reage, reajo

Buscando respiro se recorda das histórias que revelam que até as criaturas divinas a criar o mundo e os seres incorreram em ~~erros~~, ou melhor dizendo, se entregaram a sucessivas tentativas até encontrar uma forma mais definitiva. Não ~~definitiva~~, não é a palavra, melhor seria dizer uma forma que lhes dava mais acalento.

Vento te arrasta numa espiral e você vê Vovô Tunkashila andando pela terra a chorar e se lamentar.

O que será que deixou o Criador assim desconsolado? Você se pergunta. E o vento conta:

Antes deste mundo em que vivemos havia um outro, bem mais terrível do que este. Neste velho mundo os seres humanos não sabiam dançar, cantar e contar histórias. Seu espírito era obscuro. Insatisfeito com a obra que criara com suas próprias mãos, Avô Tunkashila entoou seus cantos sagrados: as chuvas desabaram, os rios e mares transbordaram, a terra se despedaçou como um pote velho e as águas tudo cobriram. Sobre a imensidão líquida o Criador seguiu a nvegr. Mas logo um grito cortou os aers

- Vovô, preciso de um solo firme para poder descansar. Era kangí, o corvo – a única criatura que sobrevivera ao dilúvio.

Se dando conta que água sem terra não faz um mundo onde se possa viver, o Criador enviou emissários às profundezas das águas em busca de um torrão de barro. Nem a lontra nem o castor conseguiram chegar ao fundo. Somente a tartaruga conseguiu mergulhar e retornar trazendo o barro que Tunkashila, a cantar, voltou a estender por sobre as águas.

- Vovô, tenho sede, grita Kangí desesperado. .

Sem mais saber o que fazer diante do insucesso de suas tentativas, o Criador se pôs a chorar. O Vento se cala e você contempla o Avô que segue a caminhar desconsolado. Kangí grita:

- Vovô Tunkashila olhe para trás.

Seguindo o conselho Vovô se volta para trás. Seu rosto se ilumina. Ele sorri ao descobrir que suas lágrimas se entranharam à terra formando rios, lagos, mares e cachoeiras...Feliz, o criador povoa o novo mundo com plantas, animais e Seres Humanos. Dando longas baforadas em seu cachimbo ele sobe aos céus. Você vê e escuta:

- Cuidem deste presente que lhe dei para eu não seja obrigado a criar um quarto mundo.

Você se alumbra com a visão do mistério, a obra nascida do erro.

Mas o erro e o medo, voltam. E você se lembra da anciã bordadeira que noite após noite se entrega a criação da imagem que um dia a encantou. Você a vê a bordar sob a luz bruxuleante de uma única vela. Depois da jornada de trabalho, ela se senta para compor em cores e formas aquela cena que um dia fez seu peito transbordar de alegria. Como ela, você sente seus olhos cansados, mas suas mãos não param de tramar as linhas de seu sonho. Você sente as lágrimas escorrendo pelas faces e as vê caindo sobre o bordado.

Com as mãos enrugadas e desejosas da anciã você enfia uma linha translúcida na agulha e, sobre a mancha, borda um rio de águas cristalinas.

Noite após noite você borda, a anciã borda.

Dos olhos cansados escorrem lágrimas de sangue manchando o bordado.

Você as vê e com as mãos da anciã enfia uma linha rubra na agulha e sobre elas cria um campo de tulipas vermelhas.

Como a velha bordadeira tua linha segue tramando belezas no tecido.

Até que, exultante, com a anciã contempla a obra pronta sob a luz do sol.

Mas o erro, ah o erro, ronda, espreita, feito fera arreganha os dentes e ataca.

Como Tunkashila você busca nas profundezas a substância para se recriar. Das funduras de si brotam as palavras de Galeano te trazendo alento:

“Ocorreu no tempo das noites largas e dos ventos de gelo: certa manhã floresceu o jasmim do Cabo, e no jardim de minha casa, o ar frio se impregnou de seu aroma, e nesse dia também a ameixeira floresceu e as tartarugas despertaram. Foi engano, e durou pouco. Mas graças a este erro, o jasmim, a ameixeira e as tartarugas puderam acreditar que alguma vez o inverno terminará. E eu também.”

Você suspira aliviada. Seu corpo se distende, elastece.

Mas o medo te toma, te arrasta e te derruba no chão.

E, você, agarrando-se numa corda que você mesmo se lança, sussurra aos seus ouvidos:

- A perfeição não existe, é um engodo.

E como as tecelãs e tecelões da velha Pérsia, comete - de propósito - um erro no tapete que começa a tecer.

Como estes artífices você sabe que a perfeição só existe no plano divino, ou melhor, nem nele.

E se diz:

- Fazer um erro intencional é uma boa estratégia para nos tirar deste lugar traumática da perfeição exacerbada que tantas vezes nos paralisa e impede os frutos de virem a termo, vingarem.

Então se lembra de um fala de Marguerite Duras*:

- Cada livro, como cada escritor, tem alguma passagem mais difícil, incontornável. E ele deve tomar a decisão de deixar este erro no livro para que permaneça um livro verdadeiro, e não de mentira. *

* DURAS, Marguerite. Escrever. Rocco. 1994

E decidida a assumir o erro, a brincar com erro, como o jovem Rikyu você agita os galhos da cerejeira derrubando as flores sobre o chão que estivera limpar por horas e horas.

Como ele, ao ver as flores dançando no ar e caindo sobre o berço da terra, você exulta.

Ele ri. Você ri. Você se encanta. Ele se encanta.

Como ele você sente e sabe que só agora conseguiu realizar a tarefa que lhe fora dada pelo grande mestre Takeno Joo: limpar o terreiro do monastério.

Com alegria, o jovem discípulo e você, contemplam os desenhos que as flores criaram no chão.

Desenhos criados ao acaso?

Ao ver a obra mestre Takeno Joo sorri e diz a seu jovem discípulo:

*- Perceber a beleza que se esconde nas imperfeições do mundo é uma arte. Você está pronto para aprender os rituais da cerimônia do chá. **

E você, ah você se põe a dançar no meio das pétalas.

O vento lhe à mão, te sopra um poema e você lança no ar a sua voz:

Errância*

*Só porque
erro
encontro
o que não se
procura*

*só porque
erro
invento
o labirinto*

*a busca
a coisa
a causa da
procura*

*só porque
erro
acerto: me
construo.*

*Margem de
erro: margem
de liberdade.*

Grávida de todas estas imagens você se sente mais relaxada, fortalecida, pacificada.

Ao mesmo tempo você sabe que no dia a dia o embate com o medo do erro nem sempre é fácil.

É uma luta ferrenha.

E você se lembra, eu me lembro, das tantas pessoas que se encontram imersas nesse pavor.

Em sua imaginação desfilam os rostos apavorados, as expressões tensas, as mãos contidas, as palavras sufocadas os corpos enrijecidos.

Entre tantas você se detém naquelas que têm medo de lançar no ar suas vozes entaladas na garganta, que têm vergonha de seu sotaque, de seu languagear.

Pressionadas e cerceadas por uma concepção hegemônica da língua - de um código único, verdadeiro e correto - desconfiam e desacreditam da riqueza que se guarda nas palavras de seu repertório, na cantiga de sua fala, em seu sotaque, na construção de suas frases e pensamentos, em suas histórias, experiências, saberes e fazeres.

Há quem receie entregar- se à escrita. Este é um medo grande.

Mas te assombra constatar quantas pessoas têm medo de falar.

O languagear destes tantos brasis, deste Brasil profundo dos interiores, da beira-mar, da beira-rio, têm medo de se revelar.

É um medo doído, grande, sentido.

É um medo que grita.

Ou melhor se cala, se guarda, se esconde na garganta que se trava com medo.

Então, você mais uma vez se pergunta:

Vento, como se libertar se a família, escola sociedade nos aprisionam nas cadeias do erro? como romper as algemas?

Como se colocar numa atitude aberta – ou errante – onde o vário é possível, onde nada é perene, a transformação é postura?

Como transcender a visão dualista e moralizante do errado e do certo?

Como transitar do erro ao errar?

Como assumir o errar como possibilidade de transitar, experimentar, ousar, tentar?

Como até compreender que o que deu errado pode ser prenuncio de uma nova possibilidade?

Como, se esta concepção dual da realidade em que o erro se se contrapõe ao certo, está tão entranhada em nossa carne que não é fácil dela escapar, não é fácil assumir o erro como um caminho possível?

Como se libertar desta concepção opressora que em nome de um desejo – expresso ou velado – de dominação, da manutenção de sua verdade – a defendendo como única – busca manter seus privilégios negando a singularidade das pessoas, povos, culturas, etnias, criaturas, encantarias, enfim a vida em suas múltiplas formas?

Vento, alto e bom som, entoa as palavras sábias de Shooter

*Todos os pássaros, mesmo aqueles que pertencem à mesma espécie, são diferentes: acontece o mesmo com os animais e os seres humanos. A razão pela qual Wakantanka não fez dois pássaros, ou dois animais, ou dois seres humanos exatamente iguais é que cada um é colocado aqui por Wakantanka a fim de ser um indivíduo independente e autônomo.**

As palavras caem fundo em você, em mim

Sinto que esta é minha busca, minha luta como artista e educadora.

E pergunto:

Vento ser narradora é estar aberta à singularidade da vida e do viver?

É buscar estes tantos outros e outras que vivem na face da Terra e nos Cosmos?

É se colocar em diálogo com as tantas histórias tecidas em infinitas cores, texturas, padrões?

É ser colocar em conversa com todas estas vozes, sendo canal para seus sopros - “uma conversação vivente”, como diz Campbell.

É se abrir às variadas cosmogonias e cosmopercepções?

É cultivar este lugar do entre na relação eu-tu?

Vento, nas histórias não são os “erros” que impulsionam as personagens a entrar onde não se devia, fazer o que não se podia, a se defrontar e confrontar com desafios, criaturas malévolas, acidentes e tempestades?

Não são afinal os imprevistos que possibilitam ao herói ou heroína alcançar o propósito que buscava ou o/a buscava?

Não é o imprevisível que abre passagem para novas ideias e novos gestos, para composições antes impensadas?

Rompendo o binômio entre o certo e errado, o erro deixa de ser erro? O “erro” Se revela como possibilidade de sair do trilho, de entregar-se ao inusitado, de abarcar aquilo que poderia ser chamado de fora da ordem, do padrão?

Mas afinal o que é o padrão?

Não podem existir muitas ordens e padrões?

As histórias dos povos e culturas possibilitam entrar em contato e interagir com padrões, desenhos, modos de ser, conhecer e proceder distintos dos nossos?

Nas diversas cosmogonias podemos perceber distintas percepções do mundo?

Elas nos apresentam caminhos e trilhas distintas das nossas? E também semelhantes?

Elas nos desvelam outros possíveis?

Elas expandem nosso campo perceptivo? Nos apresentam a distintas cosmopercepções?

Este encontro areja e nos leva à errância, à um Ser errante, um ser que não se aferroa a verdade e conceitos únicos?

Um ser que se permite mudar, transmutar, ser vários?

No encontro com o conto nos permitimos ser outro/a, percorrer trilhas não conhecida do mundo e de nosso Ser?

Elas acessam em nós mundos que não sabíamos existir?

Eu sou outro tu – tu és outro eu”

“Eu sou outro tu – tu és outro eu”

“Eu sou outro tu – tu és outro eu”

Sussurram as folhas agitadas pelo vento.

E vento conta que Galeano conta que é assim que o povo Maia se cumprimenta: *

“Eu sou outro tu – tu és outro eu”

“Eu sou outro tu – tu és outro eu”

“Eu sou outro tu – tu és outro eu”

A chuva se destapa do céu. A pingar sobre as folhas e a terra, as gotas cantam:

Tilk, tilk , tilk, tilk, Tilk, tilk , tilk, tilk, ilk, tilk , tilk, tilk Tilk, tilk , tilk, tilk

E vento conta que Galeano conta que reunidos na casa da palavra o povo sussurra:

Tilk, tilk , tilk, tilkTilk, tilk , tilk, tilk...

A palavra tilk quer dizer “nós”, **

A cantar em mim, as palavras “eu, tu e nós” me levam a novos voos



INTERLÚDIO

lembranças brotam, histórias nascem

Era uma vez um menino.

Tantos anos passados, a imaginação se permeia à reminiscência e ele ressurge à minha frente com os óculos no rosto, seu jeito tímido, introvertido e calado.

Ele estava sempre quieto. Teria, como eu, as palavras presas na garganta?

Na casa-sede dançávamos, cantávamos, brincávamos, teatrávamos. “A Roupas Nova do Rei” foi a história escolhida para ser encenada pelas crianças da oficina de artes.

Como algumas cenas se passavam na feira do reino, fomos passear no mercado de Santo Amaro. Andando em meio às barracas repletas de sabores, cores e aromas escutávamos as melodias dos pregões e a cantilena das vozes, vislumbrávamos os corpos se derramando em gestos e poses.

Ao retornar à sede, a improvisação começou. E o milagre aconteceu.

Feito feirante, o menino antes tímido, apregoava os produtos com seus olhos vivazes e seu corpo exultante. Ele brilhava, sua fala fluía, sua voz voava, seus gestos se desenhavam no espaço. Ele era toda leveza e plenitude. Virado em Condor, ele voou entre nós. Nunca mais se esqueceu das asas que tinha guardadas na omoplata. Dizem que de quando em quando as abre e ganha mundos. Ao me ver, me acena.

Ele é jogo, é brinquedo, é revelação. É movimento, é presença, é teatro

Salve menino tímido!

Ela é uma fonte. Ela desenha, escreve, costura, conta...Ela é mãe.

Em vários cursos tive a alegria de tê-la como aluna.

Com maestria, ela se relaciona às palavras, traços, imagens, tecidos, linhas...

Mas, não se acreditava capaz.

Certa vez tinham lhe dito:

- Com esta voz você não pode contar histórias.

Entretanto, no fazer e se fazer em arte, o registro mais agudo se coloriu de tons mais graves vindos talvez de outros recantos de si que antes ela não habitava.

Evocando e dando forma ao mar que povoa sua voz foi encontrando outros lugares de ressonância em si mesma.

Era como se véus tivessem se levantado dando passagem às profundezas. Além dos graves descobertos, sua voz coloriu-se de tons mais aguerridos que vinham acompanhados de brilhos no olhar, de gestos precisos.

Além das doçuras que já a habitavam, ela pode experimentar outras emoções que andavam trancadas. Ela renasceu. Ela voou.

Ela é beleza, é expressão é linguagem

Salve, menina-mulher das mil artes!

Ele é vereda, é aldeia, é cidade, é o novo e o antigo

Nunca me esqueço desta pessoa preciosa que tive a graça e a honra de conhecer: um homem já na casa dos sessenta, um filho do Maranhão nascido numa pequena vila e que, ainda jovem, veio morar em São Paulo.

Ele chegou dizendo que não queria escrever. Não era essa a sua pegada. Ele queria contar a história de sua Infância. Contar de boca!

Nas evocações falou do cordel que ouvia na casa de Dona Zuleica, das músicas que escutava no rádio em casa de Dona Maria, (a única que possuía este “bem”), dos brinquedos que construía com tampinhas e outros “restos”, em casa de Dona Santa e dos dramas que assistia na praça quando os artistas perambulantes chegavam na Vila.

Um dia fomos à biblioteca à colheita de cordéis.

Quem sabe ali acharíamos alguns daqueles que ele só recordava os rastros.

Nos sentamos frente a frente. Líamos, cada um seu livro. Ele acompanhava as letras com o dedo enquanto balbuciava baixinho o texto.

No repente, um riso escapuliu do cantinho de seus lábios. O riso cresceu um bocadinho. Riso bom, gostoso. Ele me olhou com seus olhos intensos e disse:

- *Gulora, gulora*”. Eu não entendi. Ele me explicou:

- *Minha avó falava assim. Ela chamava Gulooooora vem cá.*

Sua filha chamava Glória”

Neste exato instante as paredes da biblioteca caíram. Ele e eu fomos transportados pelo vento ao largo XIII – coração fervilhante e pulsante de Santo Amaro. A girar sobre si, os braços abertos, com sua roupa preta, sua presença corpórea e sua imanência, ele alçava sua voz escandida na garganta, num timbre meio rouquenho:

- Guloooooora, Gulooora vem cá!

A praça fervia de gente indo e vindo. Mas ao som de sua voz todo mundo parou, silenciou. E, em uníssono - Os passantes, os camelôs, as árvores, os cachorros, os encantados, todos entoaram em coro:

- Guloooooora, Gulooora vem cá!

Dona Santa, Dona Maria e Dona Zuleika, os atores ambulantes, o rádio, seu pai e sua mãe, juntaram-se ao coro, entoando:

-Guloooooora, Gulooora vem cá!

Em epifania, eu exultava. Não era preciso nenhum discurso, nenhuma tese. A cena falava por si. As centenas de anos de opressão da língua ruíam (pelo menos naquele segundo eterno). O saber e o sabor da vizinhança nos embalavam no colo.

Na biblioteca, sentados frente a frente, seus olhos me encaravam. Neles eu sentia o prazer de quem descobriu que sua língua poderia estar nas páginas de um livro. Um livro de Patativa do Assaré.

Ele é seiva, terra vida, raiz.

Salve este filho do Maranhão! Sua vida, sua história, seu saber.

Ela é um mar de palavras

Ela chegou carregada de cadernos espirais com folhas pautadas escritas à mão.

Eram poemas. Muitos. Poemas de uma vida.

Das páginas, jorravam. No ar, a voz da Senhora jorrava. Ela, cascata, jorrava.

Tinha por volta de setenta anos. O corpo coeso, corpo de terra e água, de fogo e ar se instalava no espaço marcando presença.

Era corda, era fibra, era pedra, era vida.

Ela contou que desde pequena era povoada pelas palavras. Em menina não tinha dinheiro para comprar caderno nem para ir à escola. Na areia ela escrevia. Um galho ou o dedo lhe serviam de lápis.

Sozinha, por si mesma, se alfabetizou.

Na escuta, eu me encanto. E vislumbro as águas do mar lavando as letras inscritas na areia. Lavando, não. Levando-as para as funduras do oceano. Lá embaixo, peixes, moluscos, algas, sereias, mães d'águas, botos, estão em festa. Deliciados recitam as palavras da menina que escreve na areia, que nas areias se inscreve.

Ela é um mundo, uma terra, um cosmos. Salve Mulher Menina que se inscreve nas areias, Mulher areia!

A mulher me olha no fundo de meus olhos e diz:

- As palavras de meus poemas, são minhas. Eu nunca li, quase. Elas moram em mim. Brotam.

As folhas pautadas também guardavam desenhos e de sua boca escorriam cantigas e versos. Sua língua – falada e escrita – vinha de suas raízes, de suas águas profundas. Não era uma língua da escola. Não se grafava ou dizia na correção do código tido como “culto”. Sua língua era mais bela e potente que a língua da escola. Mas há quem diga que é cheia de erros .

Erros? Que erros? Como chamar sua língua potente de erro? Erro para quem? Erro de quem?

Diante dela, seus cadernos, sua voz, sua pulsão de se inscrever em grafias eu me recordo de Bispo do Rosário. Ela e ele me contam destas almas inquietas, desejosas e desejanter de dar vazão ao mundo interno que as percorre.

Quisera eu que seu sonho de publicar um livro fosse realizado.

Era uma moça de olhos escuros e doces. Também tímidos e um tanto receosos.

Foi minha aluna no curso de contação de histórias para funcionárias de uma creche.

Um dia ela contou que em menina brincava com bonecos feitos de chuchu, cenoura e outras raízes e legumes. Ela colhia, construía e com eles inventava histórias.

Achei bonito e pedi que nos contasse algumas histórias feitas com estes brinquedos.

As semanas passaram, passaram e ela só deixando para depois, depois, depois..

A diretora da creche - que também participava da oficina - providenciou os alimentos para que ele fizesse os brinquedos e a contação.

Ela só deixando para depois, depois...

- Por que será? A diretora e eu nos perguntámos.

E os olhos receosos, me confessaram sem dizer palavras, que no fundo ela não acreditava que

aquele seu modo de brincar pudesse ser um modo de contar, que era uma riqueza, um saber.

Era o ano de 1995. A narração se revelava como uma arte e um recurso a ser praticado na sala de aula.

Ela, como as demais alunas, vinham em busca de técnicas para contar histórias.

E tinham sofrido tanta opressão que não acreditavam que poderiam ter um arsenal de belos modos para contar no cesto de suas experiências de vida.

Não acreditam que os saberes enraizados em sua terracorpo-corpoterra eram mais ou tão preciosos que qualquer técnica repassada como fórmula de bolo, ou advindas de um repertório mais contemporâneo e profissional da contação.

Por fim, ela contou. E brilhou. E sorriu.

Mas fez bonecos de EVA.

Ela é fonte, ela é terra. Ela é raiz. Salve menina-mulher brincante

E outras lembranças surgem trazendo à memória aquele momento mágico em que a pessoa - a contar algo que lhe é precioso e vital, algo que brota de sua experiência - acessa um estado de graça e beleza.

Neste instante, a sua voz parece que desliza para um lugar nela mesma em que as palavras brotam e fluem com a pureza de uma fonte nascente; os olhos brilham; as bochechas se tornam vivazes; o corpo pulsa, a fala tem melodia e ritmo.

Na captura ou pesca dos sentimentos, sensações emoções e percepções que lhe atravessam – nascidas de sua experiência - tem horas que ela se cala e, entregue à pausa, volta seus olhos ao céu, ao chão ou para dentro de si mesma como que a procura da impressão fugidia. Esta pausa não é tomada pela angústia de quem esquece um texto decorado, de quem é acometido por um branco. É canto. É beleza. É tempo de narração. Com ela nos aquietamos, o coração a pulsar, na esperança das palavras que virão.

Nestes instantes de silêncio, parece que enxergamos o pensamento se pensando - tal e qual o enxergamos nas crianças.

As palavras não brotam como quem decorou a tabuada ou o nome dos acidentes geográficos.

Neste fluxo de rememoração imaginativa as palavras fluem como um rio, como um vento.

E uma conversa se tece. De quem fala, consigo e com quem escuta

O que possibilita esta emanção do fluxo criativo de cada pessoa?

Como a porta se destranca, como a comporta se abre?

O que permite que a pessoa entre em contato com suas águas internas, seus sopros primordiais e vitais e lhes dê vazão superando as travas e correias nascidas da imposição social?

São perguntas que me faço.

Vento, quando a pessoa se enraíza em sua experiência ela se encontra e se conecta a um lugar de graça?

Por isto é vital nutrir a fonte narradora de cada Ser, abrindo caminhos, lugares, tempos para que cada um se narre?

Nutrir as singularidades - num enfrentamento à esta visão obtusa e opressora das verdades únicas, do certo, do correto - é um gesto 'político-estético'?

Vento, diante de tantos acontecimentos emergente e urgentes acontecendo no país e no planeta eu me perguntava se havia sentido em falar sobre errância.

Mas, a negação da singularidade não é, o motivo subjacente às violências e dominações cometidas?

Com esta percepção entendi que não só há sentido, como é urgente reivindicar o direito à expressão singular de cada Ser, é vital instaurar tempos e lugares onde cada pessoa possa experienciar-se no exercício da linguagem.

Esta busca– o trânsito do erro ao errar, o cultivo dos processos singulares, a nutrição das narrativas (nas mais diversas linguagens) pessoais em afirmação do direito de cada pessoa se narrar– é **meu tema de fundo, de fundação e fundamento.**

Também é minha dor.

Como Quirom. – o curador ferido – entrego-me à esta busca, na busca de suturas e bálsamos.

O embate não é fácil.



Ora caio, ora levanto

ora me perco, ora me encontro

ora estanco/paraliso, ora fluo

ora acredito no que de mim jorra, ora duvido de tudo, tudo critico e me vejo como um erro

Ora de novo me encontro com a voz presa na garganta, sem conseguir falar,

com as mãos amarradas e o coração gelado sem conseguir escrever, desenhar

com o pensamento travado, sem conseguir se articular.

Mas há horas em que liberta da dúvida e do receio, consigo me entregar ao fluxo.

No calor da experiência - as palavras emanam e fluem, os desenhos brotam, a dança se gesta, o texto se grafa, a voz se alça aos ares, o corpo se corpa - trazendo à tona e articulando pensamentos e saberes submersos, **que nem mesmo eu sabia saber.**

Porque ora flui, ora trava, me pergunto?

*E pressinto que nesta frase de Keleman haja uma chave: “Algumas pessoas ficam confusas porque sabem coisas sem saber como sabem. Chamamos a isso de intuição. Algumas pessoas têm medo de dizer que sabem a partir do feeling corporal. Saber a partir do interior do nosso corpo é ser despertado por uma onda de excitação. O corpo e suas respostas são uma fonte de conhecimento.”**

Mas seria só a intuição? E a intuição vem de onde?

E o saber da experiência que jogo joga neste jogo?

E a relação com a matéria e a substância que papel têm?

E o gesto expressivo onde entra?

Eu pergunto ao Vento, e ele me responde.

- Deixe que a escrita te responda à medida em que ela se derrama. Nela encontrará as pistas que busca.

Sabendo que o vento está certo, sigo a errar.

Num outro dia vento me convida a mais um passeio pelas ruas do bairro.

Passo a passo meus pés tocam o chão enquanto meus olhos erram pelas árvores encantando-me com seus gestos.

Enquanto uma se lança retilínea ao céu, outra se debrua em curvas, outra se curva ao solo.

Uma se espalha, outra é mais contida.

Cada uma é uma.

Flores laranjas espocam do alto de uma copa frondosa como que saudando o sol. Ou seriam chamuscas chovidas do astro e aninhadas no berço de folhas?

Em outras, as flores dormem.

Descendo os olhos ao chão topo com raízes perfurando as calçadas.

- Não me contenham, gritam se ramando por entre terras e pedras.

Com seu gesto único, cada árvore, flor, semente se escreve e inscreve na geografia e no tempo.

SEGUNDO MOVIMENTO – ESCREVER

nas tramas de minha escrita, erro
no tecido de mim, me escrevo e inscrevo

Por vários meses na busca de definir o tema me cobrei um foco, um recorte.

Mas a dúvida e a indecisão, a culpa e a dívida me tomavam. Não conseguia escolher. Eram tantos os temas que me interessavam.

Tinha novas buscas desejando se conformar. Tinha trabalhos antigos estagnados que precisavam vir a termo.

Entre estes, envelhecendo na gaveta, havia uma conversa com o vento que abria várias janelas para a arte narrativa.

Ao retirá-la do fundo empoeirado uma aragem refrescante me tomou e espalhou-se pela casa como que desejando varrer o pó aderido às reentrâncias. As cortinas balançaram. Os papéis voaram. (Foi neste momento que percebi que o Vento seria meu guia nesta viagem).

- Conta-me o que se passa. O ser volátil sussurrou ao meu ouvido. E eu, lhe revelei:

- Amigo vento, não sei que fio tomar para compor o fluxo de meu pensamento, para alinhar este mundo de ideias que me povoam. Será que poderei me entregar aos ares, me deixar levar ao sabor do vento, num texto que sopra ora num rumo, ora noutro, ora brisa, ora ventania, ora redemoinho? Nesta travessia pelas histórias, com a histórias tantos mundos me perpassam, ainda há tanto a conhecer, a mergulhar.

E me vejo, amigo vento, no centro de uma roda de onde se espraíam veredas.

No meio, ou no olho no furacão, olho para fora, para a multiplicidade de afluentes ou galhos de uma árvore frondosa.

Por onde e para onde seguir? Me pergunto. Todos me chamam, não sei qual me convoca com mais intensidade.

Ora me decido por um, ora por outro, e outro. Que medo me toma? Qual é o receio? De perder algo ao escolher?

Voltando à imagem do centro e das veredas se estampou em minha imaginação uma roda com seus raios.

E então vi o círculo externo.

Seria este um caminho possível para esta personagem que não consegue dar seu passo?

Será uma possibilidade tomar uma trilha, chegar ao círculo, tomar outra, voltar ao centro retornar para roda externa, num meandro de vai e vem como os desenhos celtas?

Ou quem sabe, já seguindo por outra imagem compor meu texto como quem trança os fios, fios de pensamentos que se entrelaçam como a trança que as narradoras indígenas da América do Norte trazem em seu cabelo.

É legítimo, vento, seguir por caminhos que não sejam os lineares?

De onde vem esta impressão de que só o pensamento retilíneo é correto, claro e coerente? Será que vem da linearidade da escrita?

E vento me areja os ouvidos e o Ser com uma fala de Daniel Munduruku

*A criança tem um pensamento circular ancestral. O que quero dizer é que o pensamento circular da criança permite que ela visualize pontos na história narrada que se encontram invisíveis para aos olhos do contador, pois o contador está sob a lógica da linearidade. **Quem conta uma história não consegue compreender que a fala precisa dar muitas voltas para que o espírito encontre sentido. ****

Então, meu amigo, será que por você inspirada posso assumir fazer uma escrita ao sabor dos ventos?

- Por que não! Entregue-se. Ele assoprou.

E me presenteou com um texto de Galeano.

O vento

Diego López fazia quatro anos e naquela manhã a alegria saltava em seu peito, a alegria era uma pulga saltando sobre uma rã saltando sobre um canguru saltando sobre uma mola, enquanto as ruas voavam ao vento e o vento batia as janelas. E Diego abraçou sua avó Gloria e em segredo, junto ao ouvido, ordenou:

– Vamos entrar no vento.

E a arrancou da casa.

Como avó Glória e Diego entrei no vento. A correr pela rua de braços e peito abertos - declarei ao Ser Invisível:

- Então está decidido. Na busca de romper com o medo e a crítica enregelante e de me arrancar de um modo de ser e conhecer que não é o meu, aqui assumo

minha confusão,
meu caos,
minha profusão,
o devaneio, a deriva,
o pensamento e a escrita por meandros,
a costura “rapsódica” e ao modo de “bricolagem”,
meus processos criativos,
meu não saber,
minhas dúvidas,
meus anseios (alguns desvelados outro ainda encobertos),
a obra que se gesta no próprio fazer.

Assumo:

Que há um algo feito de muitos algos que deseja brotar e que ainda não tenho clareza, um plano, um índice;

Que em meu processo criativo é no gesto expressivo que levanto o véu do entendimento, que descubro sobre o que estou falando, para onde quero olhar, o que ouvir e tocar, o que estou querendo ou precisando dizer e ouvir;

Que não consigo estabelecer um roteiro prévio e quando tento este caminho mais mental, entro num limbo, num branco, numa incapacidade de decisão;

Que muitos temas me habitam, convocam e que por hora não dou conta de fazer um recorte e encontrar um foco;

Que os temas se entrelaçam, que as camadas se extravasam.

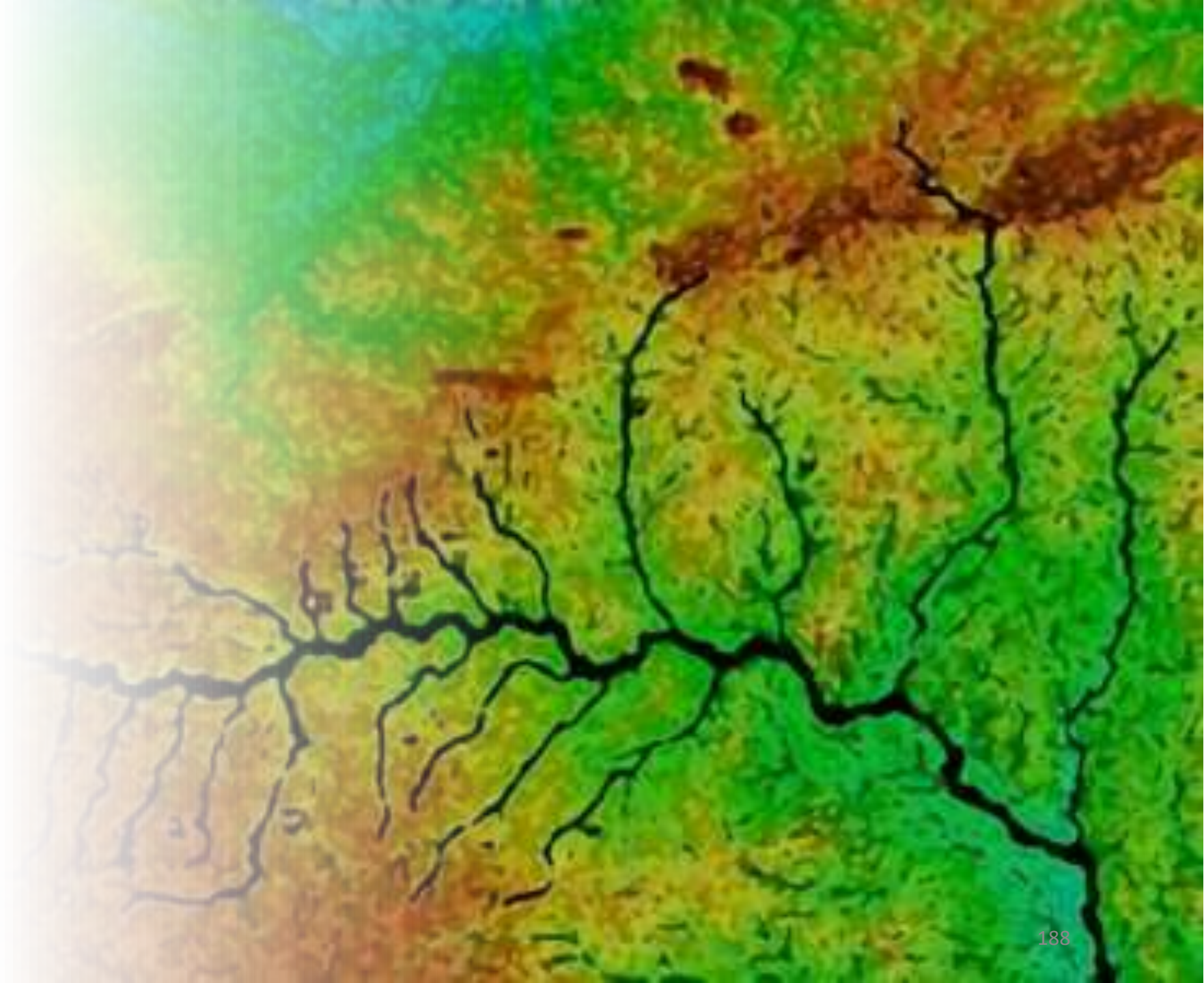



Que sou um **Ser Arvoresco**

que meu pensamento arvora, rama, espraia


e dança ao sabor dos ventos

Vento, assumindo este meu
Ser que divaga e ramifica,
comporei um texto que
visita muitas paragens,
que se aventura por muitos
afluentes e retorna e ao rio
principal,
que se abre em muitos
galhos feito uma árvore
frondosa.



A low-angle, upward-looking photograph of a tree with bare, dark branches against a bright, cloudy sky. The branches create a complex, web-like pattern of lines. The text is centered in the middle of the image.

*Vento, quando dou por mim as imagens estão se ramando
em galharada profusa.
São tantas ideias, são tantos possíveis.*



Mas se você contemplar a árvore, disse-me meu amigo, poderá perceber um núcleo: é do tronco enraizado no solo que os galhos brotam e - rumo ao céu ou a terra - se abrem em folhas, flores, frutas e sementes.

O rio de seiva tudo banha, tudo nutre, se espalhando por cada recanto.

E logo se pôs a recordar:

- Conta o povo Ticuna que no começo dos tempos uma imensa Sumaumeira não deixava a luz do sol e o calor penetrarem na terra. Uma preguiça-real mantinha seus galhos amarrados no céu. Em busca da luz, muitos animais tentaram soltá-la. Por fim, jogando formigas nos olhos da preguiça-real um quatipuruzinho conseguiu desatar a árvore. Ela caiu sobre a terra e se transformou no Rio Solimões, de seus galhos surgiram outros rios e igarapés.

Então lhe perguntei:

Será que por este ramar profuso, corpando-me árvore, busco minhas raízes, tronco, galhos, folhas, flores, frutas e sementes?

Será que busco o fluxo da seiva que se espraia por este corpo ao mesmo tempo múltiplo e uno?

Sendo que a seiva é chamada de “águas das profundezas”, dar vazão por esta narrativa errante e arvoresca é seguir ao encontro do fluxo deste sumo que brota e emana do profundo de mim?

O rio narrativo seria um rio de seiva?

Por que será nos últimos anos as árvores têm se aproximado de mim e me feito companhia? O que será que elas desejam me contar?

Árvores e Ventos namoram?

Mas meu amigo, em vez de me responder, tomado por acesso de peraltagem, me envolveu numa miríade de imagens.

E eu me vi povoada das árvores que nos constituem:

ÁRVORE-PULMÃO, ÁRVORE-NERVOS, ÁRVORE- PLACENTA/EMBRIÃO.

Eu senti o sangue-seiva me percorrendo.

Eu senti minhas raízes estendendo-se por baixo da terra.

Com elas pulsei, como elas mandei mensagens às árvores irmãs espalhadas pelo planeta sentindo-me bálsamo e curandeira.

As árvores se fizeram carne em minha carne. Eu me fiz carne na carne das árvores.

“SOMOS ÁRVORES”

disse-me, ao perceber como nosso corpo é gravido destas criaturas ramadas.

Então me vi mais em paz com este

SER “ARVORAL” QUE SOU.



Ser que às vezes se **DESARVORA**,

se perde,

ou se encontra,

nos


NÓS E EMARANHADOS

Sim, até mesmo os **nós e emaranhados** poderão ser caminho.






*Por muito tempo tentei desatá-los,
até que, mesmo temerosa do ato, resolvi não mais negá-los, não mais rechaçá-los.*



*Se em minhas mãos as fitas, extensões, novelos,
linhas de bordar, de costura e até mesmo os fios
de meus nervos se **emaranham** em tumores por
que não os assumir na tecitura da escrita e
demais criações?*

*Por que não os assumir nos modos de tecer
meu trilhar pelas veredas do meu viver?*


*Por que não se apaziguar quando tudo parece
se enroscar?*

The image features two large, tangled balls of string. The ball on the left is dark, with shades of grey, black, and dark green. The ball on the right is vibrant and multi-colored, featuring yellow, green, blue, red, and purple. In the center, a black silhouette of a person's head is superimposed, facing right. The background is a neutral, light brown color.

Nós de mim
emaranhados
de **nós**
no mar de mim

Nós





Vento,

ao seguirmos pelos meandros do fio narrativo
acompanhando as personagens em seus confrontos,
encontros e desencontros, aprendemos a transitar pelos
nós, a desenozá-los, a incorporá-los?

Aprendemos as artimanhas do tecer e das tecituras?


aprendemos as artimanhas da errâncias e as errâncias
do errar?

Por toda a vida lutei contra os nós e os emaranhados.



Agora os incorporo.

Agora os celebro



Reconhecendo que este
emaranhado,

este emaranhar-se em mim,
é uma marca de meu ser, é
minha estética, assumo o
que o que parecia erro,
assumo a errância na
esperança de que aconteça
como no conto de Galeano:



que o erro abra janelas para o inusitado, para novos ares,
para o reconhecimento desta ordem fora da ordem que me
habita/ que o erro traga leveza e respiros.

respiros

No gesto da escrita da palavra **respiros**, no exato instante em que ela se estampou no branco, lembrei-me que em bebê minha garganta fechava, trancava. O ar não entrava e não saía. A angústia me tomava.

O modo de reabrir a passagem era me mergulhar no vapor quente e nebuloso.

A neblina salvava.

Em “Grande Sertão Veredas” Riobaldo fala: **“Diadorim é minha neblina”**.

No colo de minha mãe, em meio ao vapor neblinoso, tal e qual um tecido que se abre, a laringe se descontraía, os poros se dilatavam, o ar fluía, a trama elastecia, a angústia se dissipava.

A pele respirava

Respirar

inspirar

expirar

ar

respirAR

Na tecitura desta escrita (e não só desta, e não só na escrita) há horas em que a trama se emaranha e horas em que se abre.

Mas há horas em que se **esgarça**.

Então parece que tudo perde o sentido, que perco o fio, o rumo.

O vento que me perpassa, me diz:

- **Se está assumindo os nós, assumo também os esgarçados. Será que não há neles uma trama que se busca respiro?**



Em busca de arejar as ideias abro a porta da rua
saio do castelo da bela adormecida
ganho a rua
os olhos deslizam pelas folhas flores troncos
rosas azuis laranja capturam me olhar
entro num enxame de abelhas
elas não se incomodam
o chão ampara meus pés
sinto a aragem na pele
sinto o influxo do ar no corpo
me entrego aos ventos que trazem notícias de perto e de longe, que me carregam, impulsionam, que cantam comigo,
que me movem e revolucionam, que me descabelam e arrancam o chapéu de minha cabeça o fazendo rodopiar pelos
caminhos
me entrego às ventanias que convidam a brincar, a travessuras, traquinagens, rebeldias, trilhos não trilhados ou
melhor a sair dos trilhos.
Vento que areja, refresca.
Talvez, nesta entrega descubra quem é esta borboleta que me tece asas.



Vento-me

E me permito me derramar no papel

*Com fios de palavras, vamos dizendo, com fios de tempo vamos vivendo: os textos são como nós, tecidos que andam.**

Como quem boia, deixo o texto me navegar.

Sabendo que os planos e o mental me paralisam me entrego à uma escrita que se faz no e **pelo gesto da escrita.**

Dando voz e grafia às palavras é que vou descobrindo sobre o que quero ou preciso falar.

Ou seria o contrário?

O que se deseja virar fala encontra as palavras e seu fluxo na entrega à composição do texto.

No gesto da escrita e no soar da voz, as sensações informes que se desejam pensamento e fala conseguem brotar da névoa e se articular em palavras e frases.

A obra se gesta no gestar, na relação com a matéria e com a substância, no exercício de lançar a palavra, de tecer as frases, de entrar em contato com as histórias e com meu percurso ouvindo o que me contam, de me entregar ao sono, ao sonho e ao tênue despertar.

Este fazer que se faz e se conhece no fazer, no ato criativo, no gesto das mãos e do corpo, me seduz.

Por muito tempo o evitei.

Mas agora percebo que é só assim que consigo me libertar da paralisia e do medo de criar, que só assim alcanço, toco e articulo o que subjaz nas profundezas.

Desejoso de participar desta conversa o Vento me traz à lembrança uma história:

Pelos caminhos do mundo um mestre andarilho perambulava. Ele seguia só, ou melhor, em sua companhia. Certo dia, um jovem se aproxima e pede para acompanhá-lo.

- Não preciso de um discípulo. Responde o mestre. O rapaz insiste, o mestre recusa. O jovem não desiste e o mestre o aceita desde que desde que não lhe faça perguntas.

Em dado momento o mestre se abaixa, cata do chão um pedaço de madeira, tira do bolso uma pequena faca e, a esculpi-la, segue andando.

- O que está fazendo? Pergunta o discípulo ao mestre que se mantém em silêncio imerso no que gesto.

Por muitas vezes o discípulo indaga e o mestre responde com o silêncio.

Tempo depois um choro de bebê soa em meio a estrada. Ao longe surge uma mãe carregando uma criança aos prantos. O mestre e o discípulo seguem caminhando, a mãe com o bebê ao colo também. Eles se aproximam. O bebê segue chorando, o mestre segue esculpindo.

No instante em que se cruzam, delicadamente o mestre oferece à criança a chupeta que seus dedos esculpiram. Ela se cala, ele segue seu caminho, também a mãe e seu bebê.

- Como sabia que encontraria um bebê necessitado de uma chupeta? pergunta o discípulo ao mestre, e ele responde:

*- Eu não sabia, talvez minha mão soubesse. **

Uma brisa passa e uma voz toca meus ouvidos:

*... “O que os dedos sempre souberam fazer de melhor foi precisamente revelar o oculto. O que no cérebro possa ser percebido como conhecimento infuso, mágico ou sobrenatural, seja o que for que signifiquem sobrenatural, mágico e infuso, foram os dedos e os seus pequenos cérebros que lho ensinaram.” **

Era Saramago quem falava.

Assim, meu amigo, parece acontecer comigo:

Quando me entrego à substância e à matéria, quando com ela me relaciono - em escuta, em interação, como quem boia na água - a obra brota flui, superando os medos.

Nestes momentos, **forma e conteúdo se unem.**

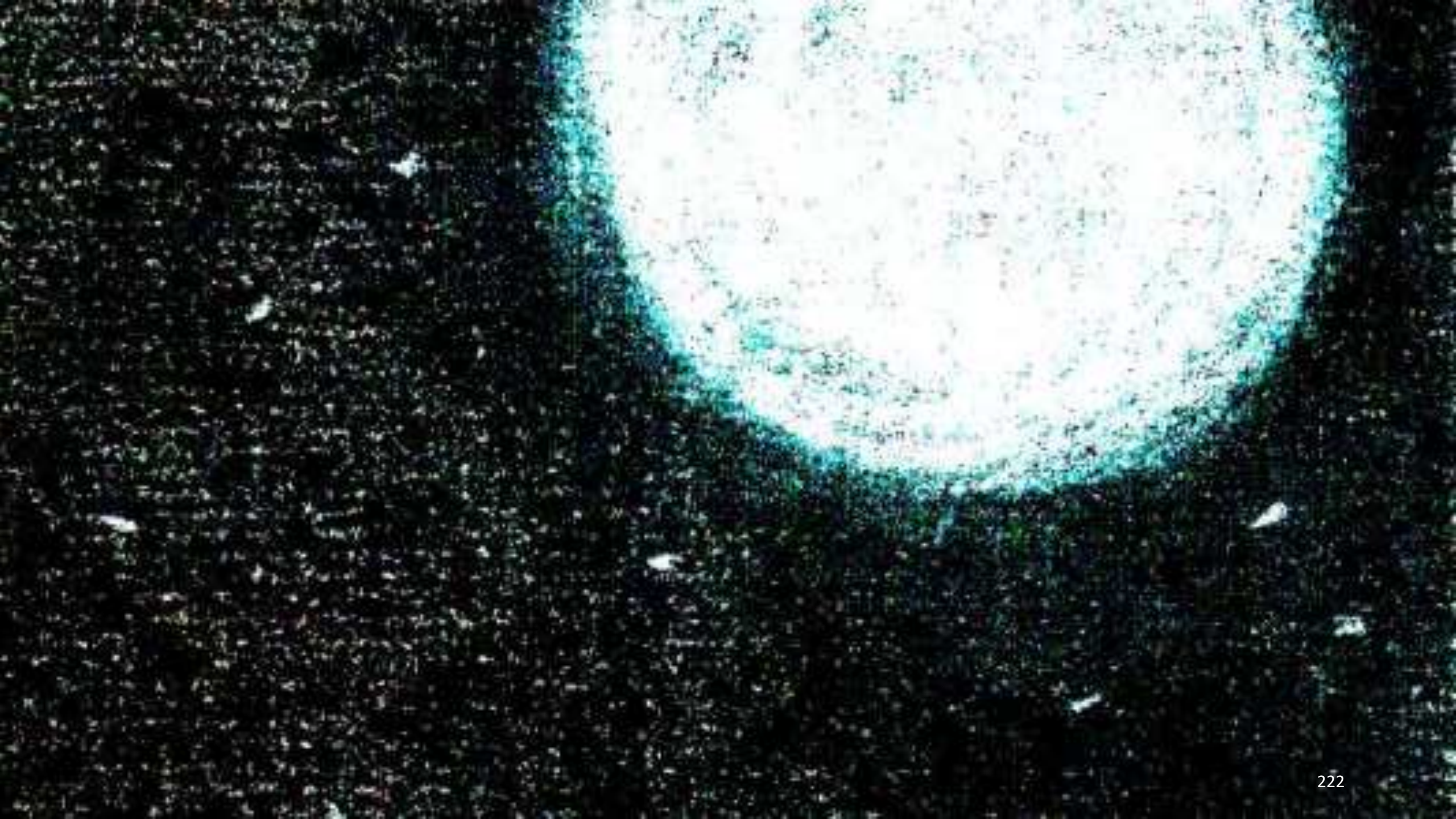
Vento riu gostoso e com ares travessos turbilhonou meus cabelos. Dançando à minha volta fez cócegas na pele.

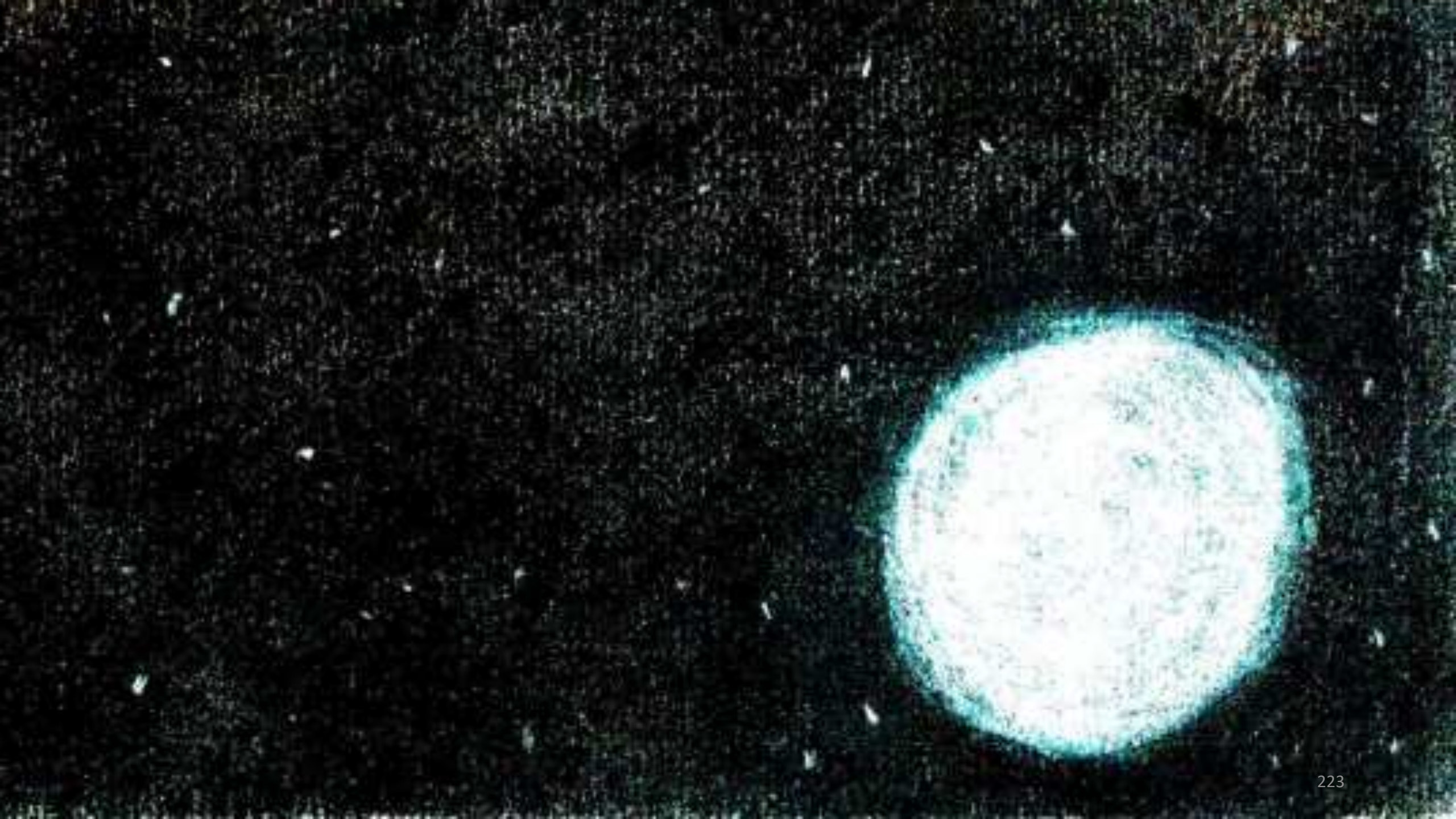
Os polos se arejaram. Os pensamentos se refrescaram. Uma frase brotou:

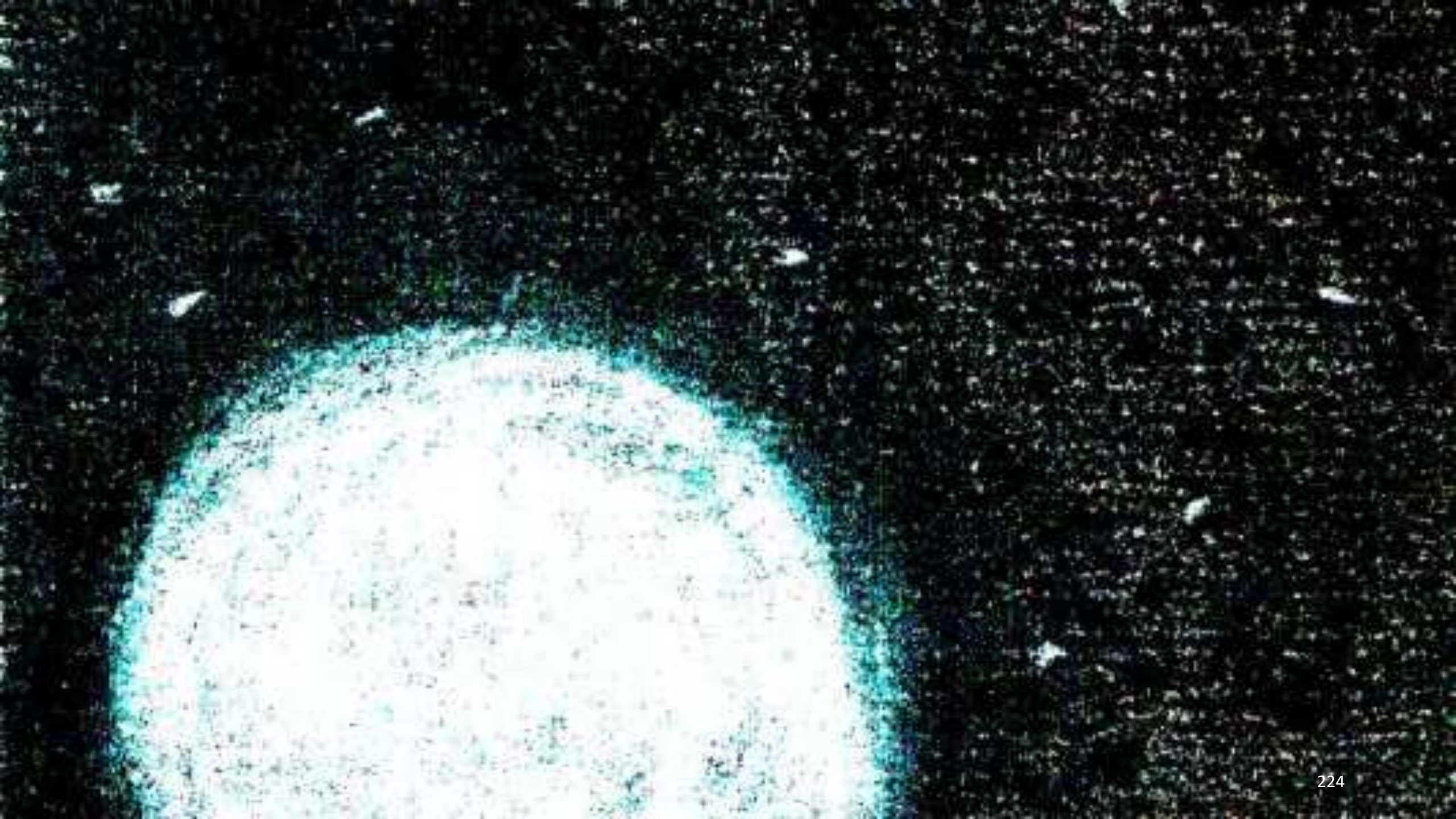
Vento, se ao narrar-se a narradora é ao mesmo tempo criadora e matéria prima, posso dizer que por esta íntima relação, a criatura nascida do gesto criador é uma narradora recriada?

Rindo, com mais gosto, Vento me fez girar uma cambalhota no ar e transformado em ventania me levou a passear pelos campos. Brincamos por horas. Só brincamos, sem nada pensar. À relva nos entregamos e adormecemos sob a guarda da lua e das estrelas.









Foi, ali, no dentro do sono, que revelei ao meu amigo um fato misterioso que vem me acontecendo à medida em que na entrego ao gesto de me grafar.



Ao alvorecer as inspirações me visitam



Parece que brotam de um poço
profundo, muito profundo.

Um poço de meu Ser.

Um poço dos tempos.

Eu, só escuto

Na cama, debaixo das cobertas,
naquele estado de torpor, onde a
consciência ainda não despertou, onde
ainda permaneço com um pé no sono e
outro na vigília –sou acometida,
tomada pelo texto.


Ou melhor por estas errâncias que me
atravessam e se entrelaçam.

Nesta hora as palavras se formam,
ganham sentido, encontro temas,
imagens brotam.
Em verdade, este é o momento de
maior lucidez.

A vibrant aurora borealis (northern lights) is visible in the sky, displaying a spectrum of colors including purple, blue, green, yellow, orange, and red. The aurora is set against a dark, starry night sky. In the foreground, the dark silhouettes of trees and a forest are visible, creating a sense of depth and contrast with the bright, colorful light above.

Aurora é quem me traz as revelações cozinhadas na noite.

Noite da alma, noite dos tempos, noite do trajeto.



Recuperar a translucidez do estado onírico vem sendo um desafio.

Basta o olho se fazer um pouco mais desperto, que o fluxo escorrega, esvai.

Então logo depois do café, quando já me entrego ao dia e a consciência me toma, tento sentar e recuperar as percepções fugidias trazidas do sono.

Pelos dedos deixo escorrer o texto.

As imagens e palavras que brotam são como **mosaicos**.

Dia a dia um **caco** se cola ao desenho que deseja se formar.

Escrevo um pedaço do meio, um do começo, outro do fim.

O pano de fundo, aos poucos percebo, é a errância.

Ou melhor, as errâncias **pelas histórias que me contam da arte de narrar, por minha vida, pelo gesto de narrar e de escrever – os embates do criar**.

Será que com estes **fragmentos ou cacos** conseguirei compor uma carapaça como a das tartarugas?

Será que conseguirei lhes dar **liga**?

Há quem conte que a tartaruga ganhou seus cacos ao cair do céu a terra.

Cair não, ser atirada pelo urubu furioso com a peça que ela lhe pregou.

Há quem diga que foi uma feiticeira que – furiosa por ter sido vencida pela tartaruga – descontou sua raiva batendo em seu casco.

Foi a tartaruga quem conseguiu descer às profundezas da água e retornar com a terra e quem, se pondo na frente do sol, domou o seu ritmo desenfreado.

são tantas as histórias de tartaruga. Em todas, parece, as tartarugas , não se amofinam por conta das rachaduras de seu casco e nem de sua lerdeza. Ao contrário delas se orgulham, pois sabem que as marcas contam da sua astúcia.

A Emendar estes textos-cacos estarei em busca de minha ancestralidade ou algo que em mim é ancestral: um saber, um modo de ser e conhecer?

Encontrar o fio que une os retalhos,

a coesão,

o que lhe dá liga,

não é tarefa fácil.

No encontro e confronto com estes retalhos
fragmentos de mim,
estilhaços de mim
sementes de mim
que me compõem
me atravessam
comigo conversam,
me bato,
me debato
erro
me procuro
na procura errante
da sutura,
que dá liga ao texto
que dá liga a este Ser que se procura





Nunca dei conta de fazer emendas assim ordenadas como as colchas de crochê que minha mãe fazia.

Vento, que me conhece bem,
sabendo que as linhas retas me paralisam,
que as ordens certeiras me tiram do prumo,
que as classificações me dão um nó na cabeça e as coreografias nos pés,
que nunca dei conta de fazer crochê e tricô,
que abrir embalagem é um suplício,
que cortar o queijo de um modo ordenado é um terror,
que encontrar um livro na estante da biblioteca revolve as entranhas,
que minhas mãos são mais afeitas aos gestos viscerais,
apresentou-me a “arte boro” de remendar retalhos.



Na visceralidade deste tecido, me reconheci e reconheço

Esse seu aparente caos - onde um cosmos se inscreve falando-me de outros possíveis modos de se compor e Ser - me causa impacto tão forte que meu ventre se contrai.

A rusticidade dos pontos, texturas e tramas reunidas numa desordem coesa me convocam à vertigem e ao êxtase.

E Vento, com sua sabedoria, me conduz à uma obra contemporânea inspirada na arte Boro e na costura sashiko.

Esta colcha me abre janelas sobre o narrar e o escrever.



Na contemplação deste tecido remendado (mas ainda por demais ordenado para o tamanho e intensidade de meu caos) me encontrei e encontrei repostas para os dilemas de minha escrita.

Ele me contou de mim, dos meandros de minhas tecituras textuais e cênicas.

A irregularidade, a variedade, o aparente caos, os pontos chamados de “grosseiros” –mas que me parecem extremamente ordenados em seus pulsares rítmicos – me falaram de meus processos criativos, de minha alma, meu corpo, meu espírito.

Na multiplicidade, profusão, irregularidade encontrei o êxtase e a possibilidade de errar de vários modos por caminhos vários. Em cada um senti a vida pulsando de um certo modo só seu.

Os tecidos – nos formatos de losango, quadrado, retângulo, meia lua, tiras mais ou menos compridas, mais ou menos regulares –reuniram em mim a possibilidade da coexistência da variedade e multiplicidade, num mesmo plano. O ritmo dos pontos me contou dos ritmos da narrativa, e de como nos entregamos a eles fluindo no vagar, na leveza, em pulos, em continuidade

Na multiplicidade, profusão, irregularidade encontrei o êxtase e a possibilidade de errar de vários modos por caminhos vários. Em cada um senti a vida pulsando de um certo modo só seu.

Os tecidos - nos formatos de losango, quadrado, retângulo, meia lua, tiras mais ou menos compridas, mais ou menos regulares –reuniram em mim a possibilidade da coexistência da variedade e multiplicidade, num mesmo plano.

O ritmo dos pontos me contou dos ritmos da narrativa, e de como nos entregamos a eles fluindo no vagar, na leveza, em pulos, em continuidade.

Os tracejados das linhas em círculos, espirais, aros, retas, pontos, cruces, xis, me contaram dos tantos modos possíveis de se pôr no caminho e, que cada caminho nos leva a uma história, pelo modo como nos faz seguir.

Ponto a ponto, palavra a palavra, o fio me convidou a errâncias.

Como os heróis e heroínas que já tem certeza de seu propósito segui certa pelas retas.

Como quem busca seu âmago e dele retorna ao mundo, entrei e saí do caracol.

Com os doze cavaleiros da tábua redonda tomei assento na roda.

Do centro, irradiei-me ao fora e retornei ao cerne. Na cruz, encontrei-me.

A seguir pelos fios recordei-me da amarelinha e das brincadeiras de roda da infância. Lembrei-me do caminho de pão feito por João na floresta, dos círculos se expandindo quando lançamos uma pedra na água.



Por um tempo fiquei sentindo a vibração de cada forma sagrada.

Formas que se revelam na paisagem, construções, cosmos, brincadeiras e narrativas

Formas que nos convidam aos seus segredos.

Encontrando nos azuis o pano de fundo, o chão que faz a liga, a unidade que integra o vários, me perguntei:

Quais seriam os meus azuis neste tecido que luto por tecer?



Na arte “Boro” - onde os quimonos remendados com restos de tecidos de roupas dos familiares tornam as velhas vestes mais preciosas do que os novas - encontrei um gesto reverente, amoroso, cuidadoso, gentil e celebrante para com a vida, a terra e antepassados, a memória e a experiência.

Sabendo que na arte Boro o gesto de remendar era um modo de enfrentar a miséria ampliando o tempo de uso das roupas com retalhos preciosamente coletados e guardados pois nenhum pano poderia ser desperdiçado - encontrei as agruras, os dilemas, as violências, as opressões do viver se transmutando em beleza, técnica, tecnologia e maestria.

No velho ressignificado e no desgastado assumido e restaurado, encontrei a vida se prolongando.

Encontrei o tempo e a artesanaria, a vida se fazendo arte e a arte se fazendo vida.

Encontrei a vida se revelando em suas rugosidades, marcas, dores, alegrias, suturas e cicatrizes.



* Donja (futon em forma de quimono), de Aomori, c. 1800-1950. Coleção Chuzaburo Tanaka. Foto de Kyoichi Tsuzuki. https://cdn.shopify.com/s/files/1/1455/5376/files/Tsuzuki_Donja_2_480x480.jpg?v=1618275661 <https://www.kofu.nyc/blogs/blog/boro-the-art-of-necessity>

Na majestade do Kimono Boro encontrei:

a beleza na “imperfeição” (ou seria melhor dizer no desigual, pois quem diz que só o igual é perfeito?);

uma narrativa composta pelas histórias de todas as pessoas que vestiram as roupas guardadas nos remendos que compõem a veste;

uma conversa entre a permanência, a impermanência e a imanência;

a incompletude e a completude;

um errar pelo tempo, ou do tempo.



* Shigoto-gi (Roupas de Trabalho). Cortesia do Museu Amuse, Coleção Chuzaburo Tanaka.



*E todos estes encontros me trouxeram
ressonâncias com a arte de ouvir e contar
histórias.*

**TERCEIRO MOVIMENTO – DO ENTRELAMENTO DOS
MOVIMENTOS, O CONTO E SEU CONTAR**

ao me escrever, me reescrevo? ao me contar, me reconto? ao criar, me recrio?

Este modo de tecer, se tecer e entretecer ao pano e à vida me lembra o modo como as histórias vão se tramando no tempo, da boca ao ouvido e do ouvido à boca.

O cuidado, o carinho, a reverência com cada retalho oriundo da preciosa roupa de uma preciosa vida me convidam a cultivar estes mesmos gestos para com cada conto que – do manancial da memória – flui para o tempo presente.

As marcas, texturas, rasgos, remendos me segredam das dores e alegrias, venturas e aventuras que os contos contam.

Na majestade e do quimono não encontramos a majestade dos contos? Não uma majestade asséptica, apática, mas esta onde a mão da vida e da experiência estão impressas?

Como esta veste, os contos também não revelam em sua tecitura o palpável e o impalpável? Eles também não vibram para além da matéria?

Esta reverência ao mais velho, à ancestralidade não convidaria a cultivar os mesmos gestos para com os contos e quem os conta?

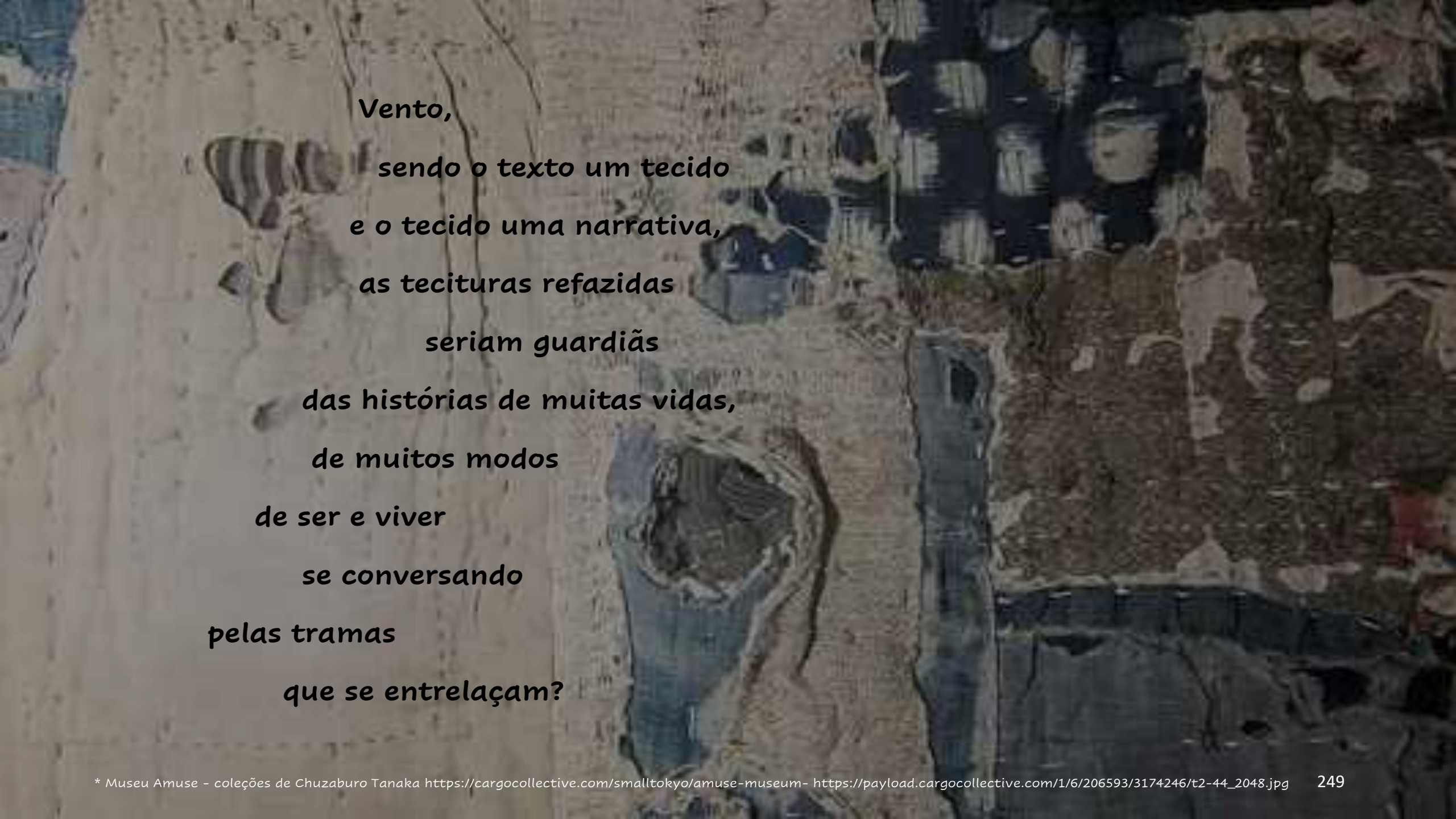
Este fazer da mão em artesanaria que se mostra no tecido não contaria que narrar também é uma arte que se faz por este tecer no vagar do tempo, na intimidade com a matéria e as substâncias vivíveis e invisíveis?

Contemplando estes tecidos desgastados pelo uso - em que os retalhos mil vezes suturados se viram em relíquias, guardando em suas tantas camadas de pano as tantas camadas de vida que neles estão entranhadas - penso nas histórias que, contadas e recontadas, também se transformam em joias, nelas contendo a ação transformadora do tempo.


<http://www.visuology.com/boro-threads-of-life-at-somerset-house/>

<http://www.visuology.com/wp-content/uploads/2014/04/Boro-11.jpg>





Vento,
sendo o texto um tecido
e o tecido uma narrativa,
as tecituras refazidas
seriam guardiãs
das histórias de muitas vidas,
de muitos modos
de ser e viver
se conversando
pelas tramas
que se entrelaçam?



E uma história, que em
si carrega
as transformações
sofridas,
nos conta de memórias
e esquecimentos,
de metamorfoses,
de movências,
todas elas vibrando
em suas camadas
entrelaçadas?



Seguindo na contemplação da arte Boro, saltando-me aos olhos o remendo falou mais ao meu ventre do que as colchas ordenadas de crochê e patchwork inacessíveis às minhas mãos não afeitas aos pontos precisamente perfeitos.

O restauro que cobre o rasgo, mas não o oculta, como também não suprime as tramas desbeijadas, me contou da passagem do tempo, do uso, da interioridade, das camadas que nos habitam, da incorporação dos traumas.

Os pontos de tamanhos variados e guardando variados espaços entre eles, me trouxeram ecos de respiro, liberdade, de reconhecimento do desgaste, do envelhecimento.

O conjunto me falou desta possibilidade de reconstrução, de refazimento, da roupa e de si, com artesanía.

Rasgos, buracos, suturas, desgastes tocam as linhas profundas de meu ser despertando sensações contrastantes que me contam desta pessoa/narradora que sou e busco ser.

A lançar um olhar para trás - encontrando-me e confrontando-me com esta minha errância - me indago sobre meus passos e caminhos.

Nesta revisita há horas que me assombro com os erros - não o erro de errar, mas o erro do errado. E a angústia volta a me tomar de assalto.

Mas há horas que respiro e busco me entranhar na beleza e preciosidade que o pano velho, rasgado, cerzido, revela.

No tecido Boro me espelho, me vejo, me encontro, me tateio, me toco, me reconforto e me encontro nesta trajetória errante.

E fazendo uma pausa agradeço o chão que pisei, as casas que entrei semeando contos, e os ouvidos que se abriram aos contos que jorravam de minha boca-coração.

Depois, retomo esta errância em que busco remendar-me.



* imagem : O tecido Saki-ori é tecido a partir de tiras de tecido tingido de índigo.

<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/5/58/%E7%B5%8C%E7%B3%B8%E3%81%AB%E8%97%A4%E7%B3%B8%E3%82%92%E7%94%A8%E3%81%84%E3%81%9F%E8%A3%82%E3%81%8D%E7%B9%94.jpg/1280px-%E7%B5%8C%E7%B3%B8%E3%81%AB%E8%97%A4%E7%B3%B8%E3%82%92%E7%94%A8%E3%81%84%E3%81%9F%E8%A3%82%E3%81%8D%E7%B9%94.jpg?1647571404961>

- Remendar é uma arte, Vento me segredou.

Quando a estrutura se parte ou rompe dando passagem ao rasgo é possível restaurar a fibra com beleza, ele acrescentou se dando ares de mistério.

Fazer.

Se fazer,
refazer,
se refazer

se rasgar e se restaurar

sem ocultar o rasgo
sem negar que um dia a fenda se fez

a partir dela, com ela, se retecer.

Suturar
se suturar

celebrando o rasgo e a cicatriz

Regenerar

Vento, as dores, tristezas, alegrias, venturas, rasgos, suturas, cicatrizes também se revelam na tecitura das histórias?

As histórias também não nos falam de rasgos e refazimentos?

Vento, será que os contos e o narrar podem ser um outro modo de suturar os fragmentos, de cicatrizar nossas feridas?

Creio que sim? Você mesma não tem experimentado este efeito?

Você tem razão, meu amigo, errando pela trama dos contos na companhia de “A Donzela, sem Mãos”, “A Mulher Esqueleto”, “Pele de Foca”, “Amaterasu e outra tantas personagens, vivo os dilemas do Ser a se retercer.

De mãos dadas com as personagens, a seguir com elas por suas errâncias, sinto em mim o que sentem, vivo em mim o que vivem.

De mim, me esqueço. Nelas, me encontro. E me reencontro, outra.

Também lhes conto de mim ousando entrelaçar minhas linhas às do conto. Nesta, ou melhor, por esta tecitura onde nos entrelaçamos em cores, pontos e formas, busco criar o lugar onde as águas se misturam, onde eu e tu gestam o nós.

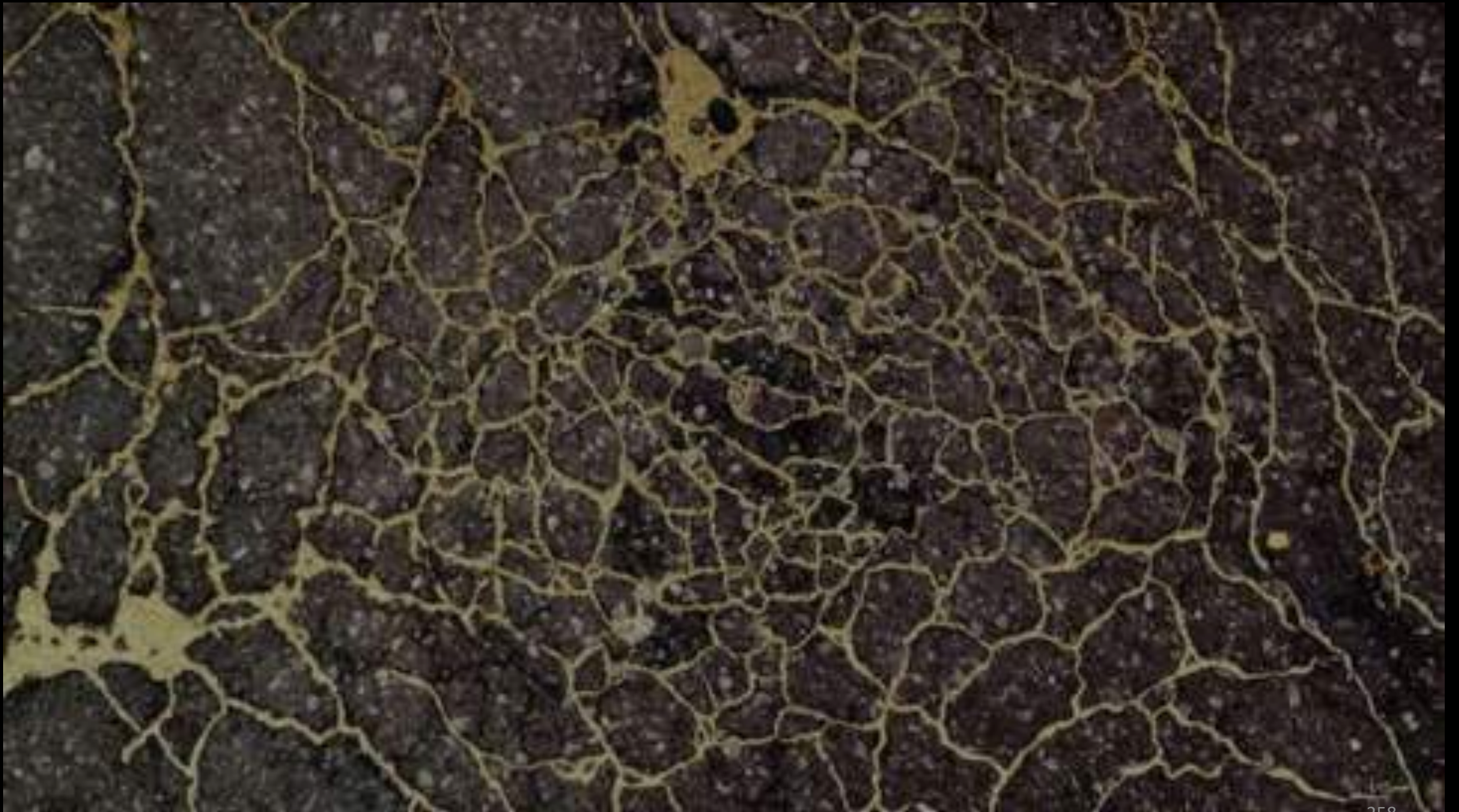


A contar e a me remendar aos contos vou juntando os cacos de minha vida, vou tentando transformar as cicatrizes em ouro, como no Kintsugi, a arte japonesa de restaurar com o puro metal as porcelanas quebradas.

Assim fazendo investigo as possibilidades balsâmicas dos contos, do ato de narrar e se narrar.

Se em nossa cultura ocidental um objeto quebrado muitas vezes ganha status de aziago, malévol, portador de más energias devendo por isto ser jogado fora, no *Kintsugi*, a porcelana remendada é mais preciosa que a intacta.

A cicatriz é história, é relíquia.



Rachel Sussman, Estudo da Calçada Kintsukuroi # 01 (MASS MoCA), Fotografia com tinta esmalte e poeira metálica.

ajudar em toda ganância que executa ; razão que o Simplício se
em vias de completar de rico. Apre, por isso dizem também que
pra ele rupêia, nega de banda, não deixando, quando
Superstição. José Simplício e Aristides, mesmo estão
de assim não-ouvir ou ouvir. Ainda o senhor estude
tes dias de época, tem gente porfalando que o Diabo
passagem, no Andrequicé. Um Mõço de fora, teria operado
vou que, para aqui vir — normal, a cavalo, dum dia-
capaz que só com uma vinte minutos bastava... porque
Chico pelas cabeceiras ! Ou, também, quem sabe — se
terá sido, um exemplo, até mesmo o senhor quem se
prazido divertimento engraçado ? Hã-de, não me dá cr
foi. É mal eu não quis. Só que uma pergunta, em hor
razão de paz. Mas, o senhor entenda : o tol mõço, se
Polo, responder o Rio pelas nascentes, será a mesma coisa que
brar nos interiores d'este Estado nossa, custante viagem de uma tr
Que-Dias ? A fantasmada

Vento - rasgos, suturas, remendos, cicatrizes - também me evocam as rasuras e ranhuras dos textos em construção. As obras finais geralmente ocultam estas marcas.

Seriam elas cicatrizem do texto?

Quando contemplamos os rascunhos podemos encontrar os rabiscos que vão nos contando lindamente dos caminhos das palavras que - a se grafarem no papel - vão se gestando, gerando e parindo.

Nos rascunhos podemos perceber os processos do/a escritor/ora; sua procura pelas palavras e pelo jogo das frases; as veredas de seu pensamento, suas buscas.

Foi um caminho que busquei percorrer com esta escrita.

No embate de colher os sentidos desta “escritura” e lhe dar forma eis que o pensamento começou a interromper o sono. Já não era tão somente Aurora quem me trazia inspirações. A noite me acordava para assoprar caminhos, destravar o fluxo, atravessar o pântano, quebrar as travas.

E foi numa noite insone que Vento me trouxe uma inspiração um tanto travessa ou rebelde: trazer para o texto o avesso, a coxia, os bastidores de minha escrita. Ou melhor dizendo: considerar que todos estes elementos e procedimentos que fazem parte do processo de elaboração também podem vir a se constituir como obra.

O que me lembrou que muitas vezes ao narrar gosto de me avessar e desavezar diante dos/as ouvintes, vestindo e desvestindo as “personagens” da história só por meio de um gesto, um tom de voz, uma atitude corporal ou alternado nos papéis de narradora e testemunha.

O que recordou que me atrai conceber como obra, o processo, ou melhor dizendo, trazer para a obra e nela revelar o processo de construção e composição, os embates, os caminhos, as conversas com e no gesto criativo.

Compartilhar os meandros dos meus caminhos expressivos, os embates, as dúvidas, as tentativas, a busca de palavras e frases, é uma postura estética.

Há aqui um desejo de revelar a artesanania de composição do texto, com suas texturas, rugosidades, imperfeições incompletudes.

E qual não foi a surpresa ao descobrir que esta postura poderia estar conversando, sem que eu conhecesse, com o pensamento japonês do “Wabi-Sabi” que concebe ***o belo como imperfeito, impermanente e incompleto e a vida como passageira e transitória****.



Hoje assumo minhas linhas viscerais.
Assumo os avessos dos direitos e os direitos
avessos.
Assumo os nós e os pontos rústicos como
minha estética.

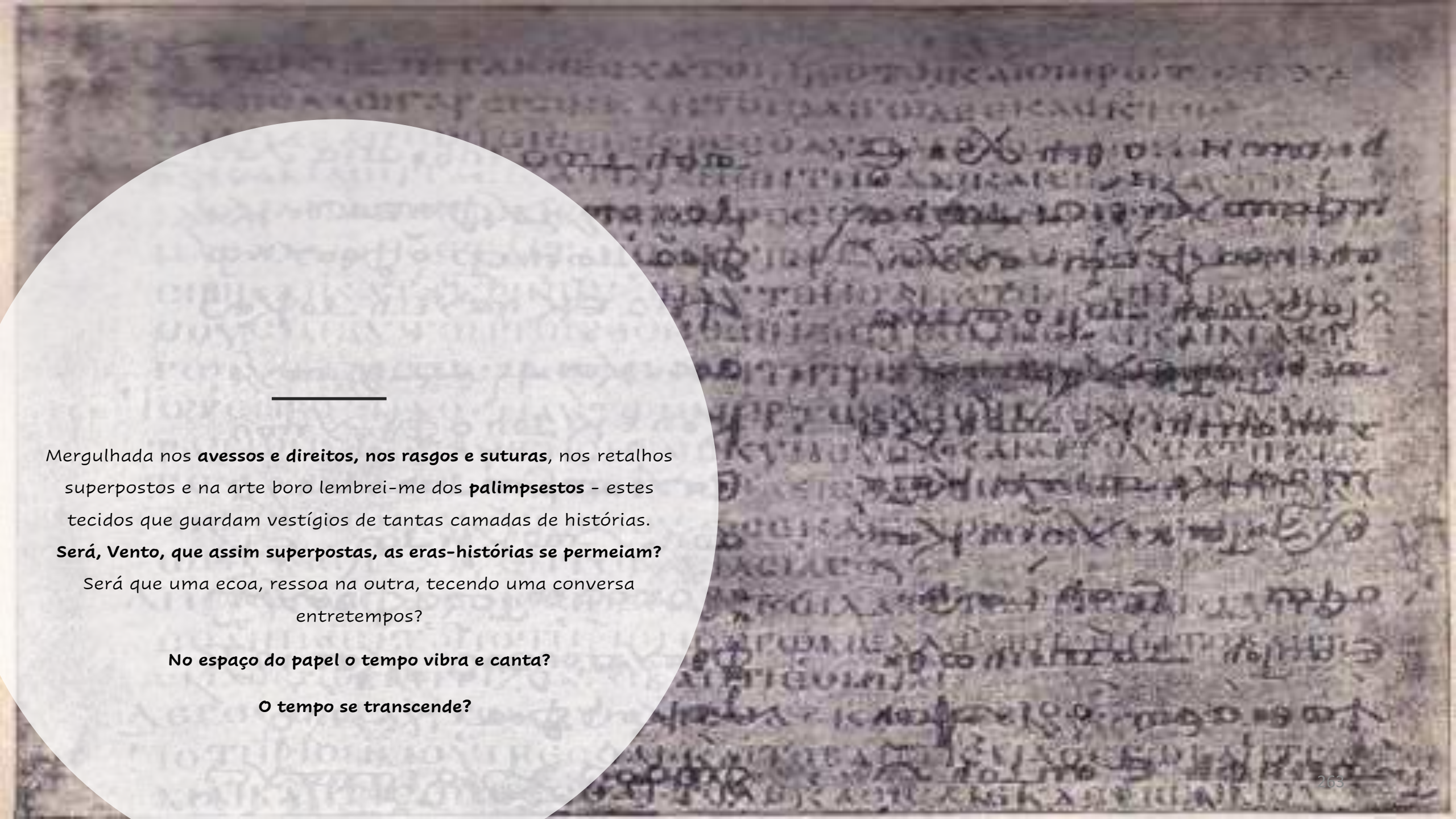
O rumo desta conversa, Vento lembrou-me uma frase:

- o belo bordado se reconhece pelo **avesso**.

Ao ouvi-la suspirei desacorçada, pois nem nos meus avessos nem nos direitos consigo tecer uma trama regular, "limpa", ordenada, fluida, sem nós e quebras.

Eu gosto do avesso e deste olhar para o verso e o reverso. Creio que um conta muito do outro e que os dois se conversam.

Mas só não creio que esta beleza uniforme seja o único caminho possível, seja o belo, o certo ou correto.



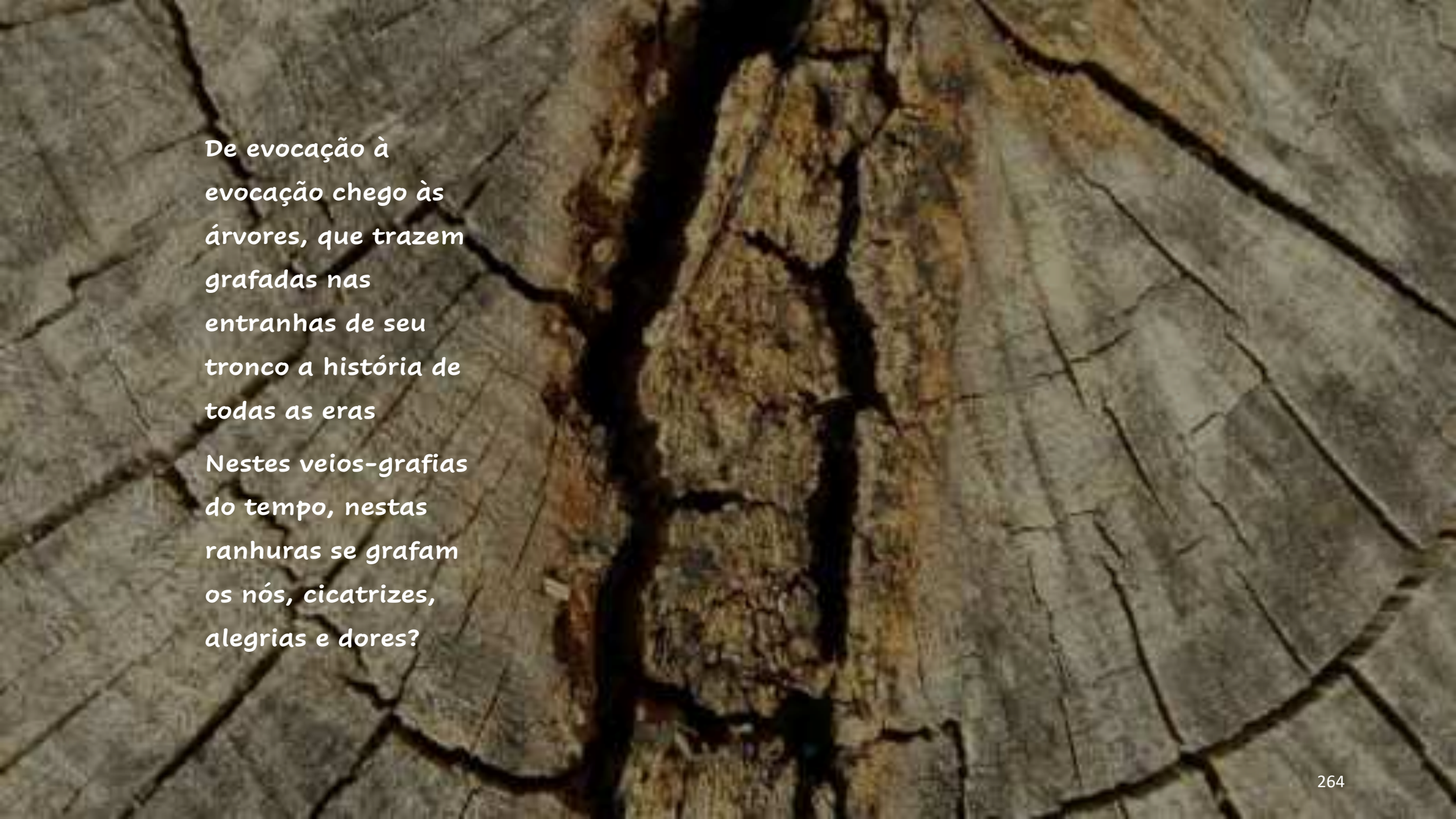
Mergulhada nos **avessos e direitos, nos rasgos e suturas**, nos retalhos superpostos e na arte boro lembrei-me dos **palimpsestos** - estes tecidos que guardam vestígios de tantas camadas de histórias.

Será, Vento, que assim superpostas, as eras-histórias se permeiam?

Será que uma ecoa, ressoa na outra, tecendo uma conversa entretempos?

No espaço do papel o tempo vibra e canta?

O tempo se transcende?

A close-up photograph of a tree trunk, showing the intricate patterns of its growth rings. The wood is a mix of light tan and greyish-brown tones, with a prominent vertical crack running down the center. The texture is rough and weathered.

De evocação à
evocação chego às
árvores, que trazem
grafadas nas
entranhas de seu
tronco a história de
todas as eras

Nestes veios-grafias
do tempo, nestas
ranhuras se grafam
os nós, cicatrizes,
alegrias e dores?

E, em nós Vento, também acontece a mesma magia?

Também temos impressa em nossa tecitura a história da vida?

Somos feitas por todas estas camadas de histórias que nos constituem, remendam emendam, suturam, cicatrizam, e a quem damos colo e voz?

Será que conseguimos transcender nossas referências familiares, educacionais e sociais?

Estas são perguntas que me faço quando me vejo fazendo, criando ou dizendo algo que eu não sabia existir em mim; ao perceber meu impulso e desejo para narrar, ao perceber minha relação com a oralidade e os saberes da experiência mesmo não tendo nascido – numa comunidade tradicional.



A voz do vento correu pelos ares trazendo ecos de sábias palavras:

*O mistério da natureza está inteiramente expresso na forma humana. O homem foi produzido do fundo do mais longínquo passado do planeta; ele traz em si, como seu próprio destino, todo o destino do planeta e, com este, o destino do universo infinito. Toda a história do mundo dorme em cada um de nós. **

Era Rumi que palavra e Munduruku lhe fez eco:

*... todos nós trazemos escritas em nossos corpos as histórias de outras gentes que nos antecedeu.***

E uma pergunta brotou de minha boca

Mas como me nutro e me semeio para despertar estas histórias longínquas do mundo que dormem no recôndito de mim? Como chega a elas? Como alcançá-las?

*Rumî, cit e trad. por Vitray-Meyerovitch, in *Le Chant du Soleil*, La Table Ronde, Paris, 1993, p. 18.

//*MUNDURUKU, Daniel. "Das coisas que aprendi". UK"A editorial



Movendo os ares, Vento me trouxe a imagem da Conta-Cuentos.

Ela está grávida de muita gente. Gente que brota de seus poros Quando ela abre a caverna de sua boca e exala o sopro encantado no mundo, dá passagem - por seu alento - às vozes formosas dos tempos todos. Na “Conta- Cuentos”, dormem todas as histórias e as criaturas que nelas vivem.

O que me leva a devanear:

Quais são as histórias e personagens que me povoam?

Como lhes dar colo e cuidado como esta doce mãe contadeira?

Como me fazer voz para seus anseio e desejos?

Quais quero lembrar? Quais quero esquecer?

Quais querem ser lembradas? Quais querem ser esquecidas?

A boneca de terra obrada por mãos da terra me convida a celebrar todas as bocas contantes que fazem de seu corpo um ventre fértil para guardar os contos, lendas, mitos, provérbios, cantigas das tradições dos povos.

A celebrá-los, celebro a voz, a memória e o saber da experiência - tesouros tantas vezes tidos como “menores” pela visão dominadora e hegemônica.

* CHEYENNE, Jim. Taos. Male. storyteller, in MARTIN, Douglas Congdon. Storytellers and other figurative pottery. A Sciffer Book for Collectors

Vento, isto também não acontece com os contos? Eles não guardam em si muitas camadas prenes de vida onde se protegem os segredos e os mistérios?

Como as eras geológicas cada uma não conta uma historia? Em cada uma não se esconde uma pedra preciosa do colar que é o conto?

Nas histórias não há uma água-rio que corre pela terra e uma água poço que se afunda nas profundezas?

Mergulhar num conto não será percorrer o fio enredando-se no enredo e submergir captando os ecos longínquos dos saberes do tempo?

Mas também não seria ascender nos vapores que ruma aos céus, desliza em nuvens, cai em chuva e retorna, rio?

Vento, como fazer esta travessia?

Tomada por tantos pensamentos Vento mais uma vez aconselhou:

- Creio que agora é hora de passear. Deixe seus pés desanuviarem seu pensamento.

Ousando sair da casa onde me mantinha em isolamento, ganhei a rua.

A tarde ensolarava mansa.

Meu corpo seguia em meio à geografia e ao tempo.

Uma sensação me tomou.

Senti-me atravessando várias épocas.

Com um rio eu passava, e a cada instante me relacionava com a paisagem.

Eu seguia, seguia.

Como o rio, no passar eterno encontrava e deixava para trás árvores, folhas, flores, pedras....

Acordando meus sentidos procurei encontrar-me com cada Ser, mesmo no instante fugaz.

Este era um caminhas horizontal. Mas havia um outro acontecendo ao mesmo tempo. Um vertical.

Cada folha, flor, pedra era quela que ali estava, mas também a que estivera em outras épocas para além de mim. Era ela igual e diferente ao mesmo tempo. Havia o espaço e o tempo, muitos tempos num tempo. Eu pisava as pedras com meus pés de hoje e com os pés da menina que já tinha percorrido os mesmos caminhos tantas vezes. Mas, para além de minha existência a natureza ali já se fizera presente.

Eram muitas as histórias que ali se contavam.

Vento revoou, varrendo as folhas pelo chão da rua.

Atrás delas corri, a brincar.

Ele me revoou: cabelos, roupa, ser.

Girei a dançar.

Ele me tomou nos braços, comigo viajou pelo céu e me levou às margens de um rio.



* Me aproximo, bebo de seu frescor e a acompanho em seu namoro com o chão.

Ele salta sobre as pedras, faz zigue-zagues ao redor das árvores da floresta, se alarga no planalto sem fim, se estreita pelas vielas da cidade, passa por debaixo das pontes, se lança em cascata montanha abaixo.

Eu me sinto mover com ele. Meu corpo flui e os líquidos que por ele correm.

Neste rolar sem fim o rio vai conversando com toda a gente que encontra: as plantas que se debruçam em sua margem, as terras que adentram seu leito, os peixes que o percorrem.

A rolar rumo ao mar, passageiro e passante, dá de beber a quem tem sede, serve de tapete às borboletas e aves que vem surfar em sua fina película, sustenta canoas e corpos, espelha o mundo e o cosmos.

A rolar, lava, fertiliza, banha, purifica.



Eu converso com esta água que se permeia e se deixa permear.

E com ela chego ao deserto.



Tento seguir adiante.

E me bato

E me confronto.

E me defronto

E tento penetrar as areias tórridas sob o sol escaldante sentindo a boca seca e a pele ardente.

E caio, esmoreço, persisto.

E com seus ouvidos – os ouvidos do rio – escuto uma voz sussurrante:

- Entregue-se ao vento, entregue -se, entregue-se ao vento, ao vento, vento.... O vento atravessa o deserto, atravessa, o vento, o vento, entregue-se ao vento, vento, vento....

Eu me encrespo, eu me irrita e grito:

- Eu sou água, água, por toda a vida fui água, água, pela terra sempre desaguei, como vou me entregar ao vento? Não perderei minha individualidade. E a areia sussurra:

- Se batendo contra as areias você não vai a lugar algum. O deserto tem sede, uma sede imensa, uma sede voraz. Ele sorve toda sua água. Se batendo e rebatendo você somente se transformará num pântano. Um pântano não é um rio. E ainda isto demorará muito tempo.

Eu sinto o medo do rio, seu pavor de se perder ao se entregar ao vento.

- Não há outro jeito? O rio e eu sussurramos. E a areia responde

- Não há.

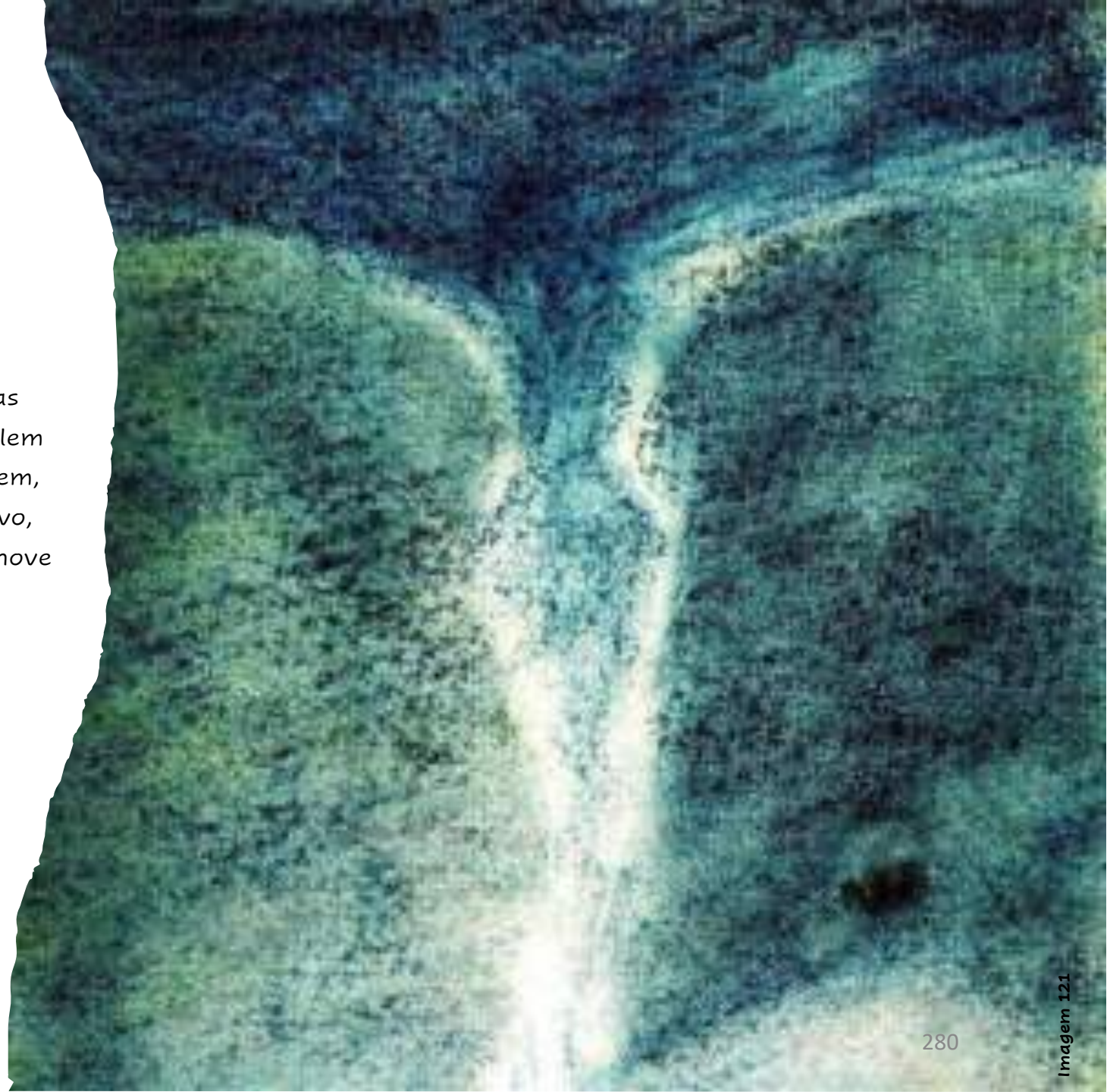
Como o rio paro de me bater. Sinto seu cansaço, meu cansaço. O medo, a dúvida a incerteza.
De longe, muito longe, uma vaga lembrança me toma.
E sinto uma aragem, leve, muito leve, quase um nada.
E sinto minha pele a se eriçar, sua pele a se eriçar.
Das lonjuras brota uma sensação, uma vaga lembrança de um voo, uma distensão, uma entrega,
Num tempo distante o gesto já se consumara.
Minha pele se abre,
esgarça
distende
O vapor se espraia
eleva
Enleva
levando, de si,
somente o grão.



me solto
me largo,
me abro
me entrego em vertigem
ao colo do vento
em vapor subo, subo, subo
rarefeita distendida leve

O vento leva os vapores pelos caminhos do céu
gasosas nuvens flanam, erram
nas nuvens, eu bebê no colo de minha mãe
o banheiro envolto no vapor
a laringe se abre,
o ar penetra, penetra-me
as nuvens voam
voam, voam...
a montanha as recebe
elas se achegam, se adensam,
escurecem, pesam
No dentro há um rebuliço

as gotas
escapolem
e chovem,
eu chovo,
o rio chove



o solo acolhe as gotas – o grão

me acolhe

no berço

Colo de mãe

mãe-terra

pelo chão rolo, corro,

o rio erra a caminho do mar.

Em seu corpo d'água carrega as marcas do que viveu.

Em si guarda a memória das águas, vapores e gotas de chuva.

Ele agora conhece sua verdadeira identidade

A close-up photograph of a riverbed. The water is a deep, dark blue-green color, flowing over dark, layered rocks. The rocks have a rough, textured surface and are arranged in a way that creates a shallow stream. The lighting is dramatic, with strong shadows and highlights, emphasizing the textures of the water and the rocks. The overall mood is somber and natural.

o rio erra a caminho do mar



No rio de minha escrita fluo, ao sabor dos ventos, entregue ao que brota, fluo

À PROCURA DE UM EPÍLOGO

as cortinas se descerram, o caminho convida a novos passos



As janelas do mundo começam a se descerrar.

O inverno de 2022 vai chegando ao fim.

Setembro bate na porta trazendo ares da primavera, a terceira desde aquele outono em que me encerrara em resguardo na casa-caverna, casa-CorpoSer.



Com passos titubeantes, saio.

Me experimento rio, na rua a andar. Experimento, passar e existir no instante eterno. Os poros se abrindo, o corpo se expandindo, experimento – mesmo a passar – me encontrar com o chão, a flor, a brisa, o céu que ali estão a em abraçar. A me corpar rio, me experimento movência, fluxo, fluidez. Me experimento, me permear no passar... e pelo passar ser permeada como a água e a pedra, a água e o leite, a água e a margem...

Já não estou na rua. Estou nos campos de um conto. E experimento passear por ele como o rio passeia pela terra. Me experimento me permear e ser permeada pela paisagem. Experimento fluir com as palavras, nas palavras pelas palavras...e imagens. Experimento contar como se um rio serpentino, largo, estreito, escuro ou translúcido... A correr, saltar, saltitar, a me acalmar no vagar, me experimento ritmos nos ritmos do contar. E me tinjo das sombras e do sol, da lua e das estrelas, carregando-me das atmosferas deste narrar rio a vagar.

Pisando leve sobre o chão brinco de passar feito nuvem a deslizar. Levanto os braços e esgarçando minha trama, a trama de minhas células, vapor me alço aos céus. O peso fica no chão. Não! O peso se esvai. Flano, voo. Na rua, no conto. Os céus me contam segredos guardados nas tramas da história. No céu tenho ouvidos para escutá-los.

Vento, a inspirar a aventura, sopra:

*Como quero muito, como as nuvens que passam, viver com o coração de habitar lugar-nenhum, te peço que, enquanto eu assim errar, satisfaça o meu desejo. Por favor me providencie apenas aquilo a que não preciso me atar.**

Das alturas vejo, a terra. É bela. Me convida. As células se condensam. Chovo. Palavras chovem. Contar é chover no campos da terra, nos campo do Ser? A chuva segue caindo. A terra, não é o deserto. A terra acolhe minhas gotas mas não as sorve feito a areia escaldante e seca, tão ávida de água. As gotas, minhas gotas se entranham na terra. Visito as funduras. Outros segredos tocam meus ouvidos e erram por minha carne. No escuro, sementes germinam. Em voz, as histórias florescem?



O rio renascido segue. A errar sigo. Um raio de sol, toca meu peito. Amaterasu me dá mão. Uzume convida à dança. O corpo se entrega. O conto desagua no mar. As águas doces e salgadas se fundem.

Vento assopra:

- O caminho é longo, você ainda tem um bom chão a palmilhar. Eu seguirei te guiando pelas veredas. ... **Deixa em ti leccionar-se o transeunte que viver são instâncias de passar.**"*

Eu me deito em seu colo.

Ele me acolhe.

Pelos ares saímos ventando

Com o vento eu sigo a passar

no caminho atravesso o portal de muitas histórias.

Nelas adentro, nesta eterna busca por rastros, rumos, sentidos.

* CAMPOS, Geir. Frase de poema em Metanáutica. José Olympio.



BIBLIOGRAFIA:

ANDRESEN BREYNER, Sophia de Mello. em Livro Sexto, 1964

BASHÔ, Matsuo. *Narrow Road to The Interior and Other Writings*. Shambala Publications. p. 25. (Tradução para português de REIS, Lauro na tese **À sombra da bananeira: uma abordagem à obra de Matsuo Bashô** BONAVENTURE, Jette. **O que Conta o Conto**. São Paulo,SP; edições Paulinas. 1992

BONAVENTURE, Jette. **"O que Conta o Conto**. Paulinas. 1992

CAMPOS, Geir CHEYENNE,

COUSINEAU, Phil. **A Arte da Peregrinação**. São Paulo, SP. Ágora

DURAS, Marguerite. **Escrever**. Rocco. 1994

GALEANO, Eduardo. **Boca do Tempo**

As Palavras Andantes. Porto Alegre, RS. L&PM editora. Outono 1994

O Caçador de Histórias. 2º edição. Porto Alegre, RS. L&PM editora. Primavera 2017

O Livro dos Abraços, 3º edição. Porto Alegre, RS. L&PM editora

<https://anotasonhos.wordpress.com/2018/12/21/tecidos-por-eduardo-galeano/>

FONTELA, Orides. **Poesia reunida**. Cosacnaif, 2006

QUIMARÃES ROSA, João. **Magma**. Nova Fronteira, 1997

QUIMARÃES ROSA. In Entrevista conduzida por Günter Lorenz no Congresso de Escritores Latino-Americanos, em janeiro de 1965 e publicada em seu livro: *Diálogo com a América Latina*. São Paulo: E.P.U., 1973. <http://www.tirodeletra.com.br/entrevistas/GuimaraesRosa-1965.htm>

GOUGAUD, Henri. **L'Arbre à Soleils**. Editions du Seuil, 1979

HERSANT Céline e NAUGRETTEE Catherine em **"Léxico do Drama Moderno e Contemporâneo"**, organização de Jean Pierre Sarrazac - COSACNAIF).

KELEMAN, Stanley – **Mito e Corpo – uma conversa com Josefh Campbell** . 3ª edição São Paulo,SP: Summus editorial. 2001

MUNDURUKU, Daniel. **Das Coisas que Aprendi**. UK'A editorial.

PAZ, Octávio. <https://www.escritas.org/pt/t/33737/o-homem-e-um-ser>

PESSOA, Fernando. **Obra Poética** - volume único. Rio de Janeiro. Editora Nova Aguillar. 1986

BIBLIOGRAFIA:

QUINTANA, Mario, in Caderno H. Editora Objetiva, p. 491. Formato ePubfile:///C:/Users/tinin/Downloads/doceri.com.br_quintana-mario-caderno-h.pdf

MARTIN, Douglas Congdon. **Storytellers and other figurative pottery**. A Sciffer Book for Collectors

Rumî, cit e trad. por Vitray-Meyerovitch, in Le Chant du Soleil, La Table Ronde, Paris, 1993, p. 18.

SARAMAGO, José. **A Caverna**. Companhia das Letras

SHAHr That. **Nas Noites Árabes – uma caravana de histórias**. Editora Roça Nova

TICUNA. **O Livro das Árvores**. 1º reimpressão.

WOSIEN, Maria Gabriele. **Dança Sagrada - Deuses, Mitos e Ciclos**, de. - 1º edição. São Paulo, Triom, 2002

ZIMMER ,Heinrich. **A Conquista Psicológica do Mal**. 2º edição. São Paulo, SP. Palas Athena. 2005

Paroles des Sages. Editions JA. Paris. 1996

Histórias de Tradição Sufi. Edições Dervisch

IMAGENS DE TININHA CALAZANS

capa: desenho em pastel seco sobre papel canson – estudos para conto tradicional “Histórias de um papagaio”

Página 7: desenho em pastel seco sobre papel canson – estudos para o conto tradicional “O Príncipe Cinco Amas”

Página 19: desenho em pastel seco sobre papel canson – estudos para o conto tradicional “Histórias de um papagaio”

Página 21: desenho pastel oleoso sobre papel canson – estudos para travessias

Páginas 26 e 27: feltragem em lã de carneiro – estudos para “Mae Holle’, conto de Grimm

Página 28 e 50 : fusão de 2 desenhos em pastel seco sobre papel canson – estudos para conto de Grimm “ Moedas Estrela”

Página 31: desenho em pastel seco sobre papel canson – estudos para “O Dilúvio”, conto tradicional do Povo de Montana

Página 35:desenho em pastel seco sobre papel canson – estudos para conto tradicional “Histórias de um Papagaio”

Página 40: fotografia de buraco no asfalto

Página 43: desenho em pastel seco sobre papel canson – estudos para conto tradicional “ A Aldeia sem Nome”

Página 45: desenho em pastel seco sobre papel canson – estudos para conto tradicional “ Histórias de um Papagaio”

Página 51: fusão desenhos em pastel seco sobre papel canson – estudos para o conto tradicional “Histórias de um papagaio”

Página 52: desenho em pastel seco sobre canson – estudos para o conto tradicional do Oceano Pacífico “Maui e o Fogo

Página 53: desenho em pastel seco sobre papel canson – estudos para o conto tradicional “Histórias de um papagaio”

Página 54: desenho em pastel oleoso sobre papel canson – estudos para o conto tradicional “A Princesa Denise”

Página 55: desenho em pastel seco sobre papel canson – estudos para o tema travessias

Página 56: desenho em computador- PowerPoint – estudos para Andarilha

Página 57: desenho em pastel oleoso sobre papel canson – estudos para o conto tradicional “A Princesa Denise”

Página 66: desenho em pastel seco sobre papel canson – estudos para o conto tradicional de África “A Aldeia sem Nome”

Página 68: desenho em pastel seco sobre papel canson – estudos

Página 72: desenho em pastel seco - a leitura

Página 75: desenho pastel sobre papel canson – estudos para o conto tradicional “Os Dois Amigos”,

Página 77: desenho pastel sobre papel canson – estudos para cavalo marinho

Página 81 :desenhos em pastel seco sobre papel canson – estudos para o conto tradicional “ A Aldeia sem Nome”,

Página 83: desenho em pastel seco sobre papel canson – estudos para conto tradicional “ Os dois Amigos”

Página 85: fotografia de raízes

Página 87: desenho em pastel seco sobre papel canson – estudos para conto de Grimm “Moedas Estrelas”

Página 89: desenho em pastel seco sobre papel canson – estudos para o Conto tradicional “ Mãe Águia e o Aprendiz”

Página 91: desenho em pastel oleoso sobre papel canson – estudos para a “ Andarilha”

Página 93 e 94: desenho em pastem seco sobre papel canson – estudos para o conto “ Maui e o Fogo”

Página 105: desenho em giz pastel seco sobre papel canson – estudos para o conto “ A Bola de Ouro”, de Grimm

Página 111: desenho em pastel seco sobre papel canson – estudos para conto de Grimm “Moedas Estrelas”

Página 113: desenho em giz pastel seco sobre papel canson – estudos para Histórias de rio

Página 114: fusão de textura com desenho em giz pastel seco para o conto tradicional” Mãe águia e o Aprendiz

Página 118: desenho criado no PowerPoint

Página 125: fusão de dois desenhos em giz pastel seco sobre papel canson

Página 127: desenho em pastem seco sobre papel canson – estudos para o conto “ Maui e o Fogo”

Página 132: desenho em pastem seco sobre papel canson – estudos para avó e neto

Páginas 134 e 136: desenho em giz pastel seco sobre papel canson – estudos para o conto A Princesa e o Papagaio

Página 137: desenho em giz pastel seco sobre papel canson – estudos para Histórias de rio

Página 139: pintura em acrílico – estudos sobre o conto indiano “ O Velho Ceifeiro” e desenho em pastel seco sobre papel

Página 140: desenhos em giz pastel seco e oleoso para contos “Vassilisa, a Formosa”, “Dois Irmãos”, “Maui e o Fogo”

Página 141 e 142: desenho em giz pastel seco sobre papel canson - estudos para a história do poeta Yunnus Emré

Página 150 desenho em giz pastel oleoso sobre papel canson - estudos par o conto tradicional “ O Dilúvio, do povo de Montana

Página 163: desenho em giz pastel seco sobre papel canson - estudos para a história “ O Pintor de Sorrisos”, da China

Página 174: desenho em giz pastel oleoso sobre papel canson

Página 187: desenho em giz pastel seco sobre papel canson - estudos para a história “Os Amigos Encantados da Floresta”,

Página 189: fotografia de paineira

Página 190: fotografias de árvores no Parque do Ibirapuera retrabalhadas no PowerPoint

Página 194: desenho em pastel sobre papel canson – estudos para o conto tradicional “ Os Dois Amigos”

Páginas 196/197/198: emaranhados

Página 199/200: colagem de emaranhados

‘Página 201:desenho em pastel oleoso sobre papel canson – estudos para o conto tradicional “Maui e o Fogo”

Página 202/203: instalação de nós e emaranhados

Página 204: colagem de nós e emaranhados em livro de artista

Página 211: desenho em pastel seco sobre papel canson – estudos para borboletas

Página 221 a 224 desenho em pastel seco sobre papel canson - estudos para noite

Página 226: fusão de dois desenho desenho em pastel seco sobre papel canson – estudos para o dia e a noite

Página 227: desenho em pastel seco sobre papel canson – estudos para o o conto “ A Bola de Ouro, de Grimm

Página 228 : esenho em pastel sobre papel canson –

Página 229: fusão de 2 desenhos em pastel sobre papel canson

Página 233: colagem sobre madeira – retalhos de aquarelas

Página 259: página de manuscrito de João Guimarães Rosa

Página 261: boneca em retalhos

Página 264: fotografia de tronco cortado

Página 267: desenho em papel canson para o conto “ A Princesa Denise”

Páginas 272: fusão de dois desenhos desenho em pastel seco sobre papel canson – estudos rio

Página 271//273/278/280/282/283: desenho em pastel sobre papel canson – estudos rio

Página 275: desenho em pastel sobre papel canson - estudos deserto

Página 285 e 287: fotografia de paisagem retrabalhada no powerpoint

Página 290: desenho em pastel seco sobre canson – estudos para rosa

IMAGENS - AUTORES DIVERSOS

Página 97: fotografia do espetáculo “ Caminhos do Destino, de Tininha Calazans (1995), por Eugênio Pacelli

Página 111: fotografia do espetáculo “ Caminhos do Destino, de Tininha Calazans, por Ivo Leme (1995)

Página 188: foto rio na internet retrabalhada no powerpoint

Página 209: LAET, Maria - Gaze - monotipia- 2014

Página 234: Zamith Calazans, Maria Lígia – Colcha em Crochê

Página 236: tapete Boro- anônimo – imagem colhida na internet

Páginas 239/240/ colcha inspirada em are Boro - imagem colhida na internet sem referência de autoria

Páginas 242 a 245: quimonos Boro – anônimo - imagens colhidas na internet

Páginas 248/249/250/ 251: tecidos com remendos e rasgos - - imagens colhidas na internet sem referência de autoria

Página 257: arte Kintsugi – anônimo – imagens colhidas na internet

Página 258 :Rachel Sussman, Estudo da Calçada Kintsukuroi # 01 (MASS MoCA), Fotografia com tinta esmalte e poeira metálica.

Página 263: imagem de arquivo de Palimpsesto – colhida na internet

Página 267: CHEYENNE, Jim. Taos. Male. storyteller, in MARTIN, Douglas Congdon. Storytellers and other figurative pottery. A Sciffer Book for Collectors

Página 292 : Fotografia de mandala criada na narração do conto” Fátima a Fiandeira, por Cintia Acioli

